

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ - UNIDAVI**

MARA LUIZA ZWICKER

**A CONTRIBUIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO
REGIONAL DO ALTO VALE DO ITAJAÍ – SC NO PERÍODO DE 2000 A 2019**

**RIO DO SUL
2020**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ - UNIDAVI**

MARA LUIZA ZWICKER

**A CONTRIBUIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO
REGIONAL DO ALTO VALE DO ITAJAÍ – SC NO PERÍODO DE 2000 A 2019**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao curso de Ciências Econômicas, da Área das Ciências Socialmente Aplicáveis, do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, como condição parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Profª Orientadora: Msc Anielle Gonçalves de Oliveira

**RIO DO SUL
2020**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ - UNIDAVI**

MARA LUIZA ZWICKER

**A CONTRIBUIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO
REGIONAL DO ALTO VALE DO ITAJAÍ – SC NO PERÍODO DE 2000 A 2019**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao curso de Ciências Econômicas, da Área das Ciências Socialmente Aplicáveis, do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí- UNIDAVI, a ser apreciado pela Banca Examinadora, formada por:

Professora Orientadora: Msc Anielle Gonçalves de Oliveira

Banca Examinadora:

Prof. Msc Daniel Rodrigo Strelow

Prof. Msc Márcia Füchter

Rio do Sul, 14 de dezembro de 2020.

O comércio é o grande civilizador. Trocamos ideias quando trocamos tecidos. (Robert Ingersoll)

Dedico este trabalho ao meu namorado, Matheus, pela paciência e carinho oferecidos a mim ao longo de todo o curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais por sempre apoiarem minhas escolhas e serem o suporte que precisei durante os últimos anos.

Aos professores do ensino fundamental e médio por me mostrarem que a dedicação nos estudos traz ótimo resultados.

À Eliane, minha amiga, que compartilhou sua trajetória comigo durante o curso, tornando o caminho mais belo e feliz.

Aos professores do curso que através do conhecimento repassado, confirmaram que escolhi bem a minha futura profissão.

À minha orientadora, Anielle, por ser carinhosa, atenciosa e ter aceitado participar desse momento comigo.

RESUMO

O mercantilismo unido as grandes navegações foi a mola propulsora para que o comércio exterior fosse propagado pelo mundo inteiro. Sua evolução ao longo dos séculos beneficiou alguns mais do que outros, devido principalmente a determinadas especificidades que foram objeto de análise de grandes economistas como Adam Smith e David Ricardo, por exemplo. Mas, mesmo sendo muitas vezes considerado como característica para o livre comércio, os governos ainda exercem, através da política comercial, grande influência na forma como ele se comporta dentro de cada país. As principais defesas apresentadas para a manutenção e continuidade do comércio exterior abrangem principalmente a justificativa de que ele é responsável por gerar crescimento e desenvolvimento econômico. Diante disso, o presente trabalho tem como principal objetivo identificar a contribuição das exportações para o desenvolvimento regional do Alto Vale do Itajaí. Para tanto, utilizou-se de pesquisa bibliográfica, apresentando para isso as características da sua colonização, dados socioeconômicos regionais, assim como os valores para exportação e os índices de desenvolvimento humano, de desenvolvimento municipal sustentável e de Gini para os vinte e oito municípios que compõem essa região pouco analisada em um contexto estadual. Os principais resultados do estudo são que ao longo do período analisado houve pouca diferenciação quanto aos maiores municípios exportadores e que a base produtiva atual está diretamente relacionada a colonização regional, além disso o desenvolvimento regional, apresentado a partir da ótica dos índices anteriormente citados, é influenciado pelo comércio internacional mas não somente por ele.

Palavras-Chave: Comércio exterior. Alto Vale do Itajaí. Desenvolvimento regional.

ABSTRACT

The mercantilism associated with the great navigations was the driving force for the foreign trade to be spread all over the world. It's evolution through the centuries benefited some more than others, especially due to certain specificities that were subject of analysis for great economists such as Adam Smith and David Ricardo, for example. But, even being considered as characteristic for the free market, the government still exert - through commercial politics - great influence in the way it behaves inside each country. The main defences presented to maintain and continue foreign trade encompass mainly the justification that it is responsible for creating economic development and growth. Considering that, this article has for its main objective to identify the contribution of exportation to the regional development from Alto Vale do Itajaí. To this end, bibliographic research was used, showing the characteristics for its colonization, socioeconomic regional data, such as the funds for exportation, human development index, sustainable municipal development and Gini for the twenty-eight cities that compose this region - not analyzed much in the state scenery. The main results of this study are that through the time analyzed there was just a few differentiation comparing to the largest exporter cities and that the actual productive base is directly related to the regional colonization, besides that, the regional development, introduced through the indexes optics previously mentioned, is influenced by the international trade but not only by it.

Key-words: foreign trade. Alto Vale do Itajaí. Regional development.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- População rural, urbana e total em 2010	31
Tabela 02 – PIB e VA total por setores da atividade econômica a preços correntes (2017)	33
Tabela 03 – Valores das exportações municipais 2000-2004 (FOB US\$)	36
Tabela 04 – Valores das exportações municipais 2005-2009 (FOB US\$).....	38
Tabela 05 – Valores das exportações municipais 2010-2014 (FOB US\$).....	39
Tabela 06 – Valores das exportações municipais 2015-2019 (FOB US\$)	40
Tabela 07 – Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	48
Tabela 08 – Índice de Gini	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Valores exportados por município	43
Gráfico 02 – Valores e produtos exportados por Presidente Getúlio em 2019	44
Gráfico 03 – Valores e produtos exportados por Rio do Sul em 2019	45
Gráfico 04 – Valores e produtos exportados por Salete em 2019	46
Gráfico 05 – Valores e produtos exportados por Ibirama em 2019	47
Gráfico 06 – Valores e produtos exportados por Trombudo Central em 2019	48
Gráfico 07 – IDMS e exportação do município de Ibirama	52
Gráfico 08 – IDMS e exportação do município de Ituporanga	52
Gráfico 09 - IDMS e exportação do município de Presidente Getúlio	53
Gráfico 10 – IDMS e exportação do município de Rio do Sul	53
Gráfico 11 – IDMS e exportação do município de Salete	54
Gráfico 12 – IDMS e exportação do município de Trombudo Central	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMAVI	Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
FECAM	Federação Catarinense de Municípios
FOB	<i>Free On Board</i>
IDMS	Índice de Desenvolvimento Municipal Sustentável
NCM	Nomenclatura Comum do Mercosul
PIB	Produto Interno Bruto
RNB	Renda Nacional Bruta
UF	Unidade Federativa
VA	Valor Adicionado

SUMÁRIO

1. Introdução.....	13
1.1 Objetivos.....	14
1.2.1 Objetivo geral	14
1.2.2 Objetivos específicos.....	14
1.3 Justificativa.....	14
2. Referencial teórico.....	16
2.1 Desenvolvimento regional	16
2.2 Evolução do comércio internacional	18
2.2.1 O mercantilismo	18
2.2.2 Os primeiros pensadores do comércio internacional	20
2.2.3 Teoria da base exportadora.....	21
2.3 Comércio exterior: exportação e importação	22
2.3.1 Benefícios e malefícios do comércio internacional	25
2.3.2 A política comercial	26
2.4. As relações externas de uma região	27
2.5 A região do Alto Vale do Itajaí – SC	28
3. Metodologia de pesquisa	35
4. A contribuição das exportações para o desenvolvimento regional do Alto Vale do Itajaí – SC no período de 2000 a 2019	36
4.1 As exportações regionais	36
4.1.1 A pauta exportadora	43
4.2 Índice de desenvolvimento humano (IDH)	48
4.3 Índice de Gini	49
4.4 Índice de desenvolvimento sustentável dos municípios catarinenses	51
5. Considerações finais	56

Referências60

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento é “um processo que, compreendendo uma eficiente alocação de recursos, conduz a um crescimento sustentável do produto agregado, no longo prazo, promovido pelo emprego de mecanismos econômicos, sociais e institucionais [...]” (THEIS, 1998, p. 50 apud THEIS, 2001, p. 14).

Dias (2008) informa que a evolução do comércio internacional tem como mola propulsora o mercantilismo, este que foi responsável por unir todos os continentes através do desenvolvimento da navegação no Oceano Atlântico, onde a produção manufatureira, a circulação de moedas e mercadorias ampliaram as operações financeiras. O Brasil operou com uma das principais figuras para a acumulação de riquezas em toda a Europa.

Sua expansão propiciou que as teorias de comércio internacional progredissem, de forma a indicar o desligamento do Estado absolutista como responsável pela balança comercial superavitária e sim eleger o livre comércio para ser o impulsor da sua ampliação, conforme exposto por Cassar (2008). Entretanto, isso é mais uma exceção do que regra, pois todos os países buscam proteger e estimular a produção nacional através de diversos instrumentos, tais como tarifas, subsídios, controles cambiais, monopólios, entre outros, segundo Carvalho e Silva (2007).

Para Vieira (2005), com o Brasil não seria diferente, pois até a abertura comercial na década de 1990, o país passava pelo processo de substituição de importações, que tentava fortalecer e expandir a produção interna. Os problemas políticos e planos econômicos fracassados fizeram o país alcançar marcas históricas em níveis de inflação, que corroíam o poder de compra nacional e diminuíam qualquer chance das empresas tornarem-se competitivas.

A abertura comercial não só brasileira mas também de outros países demonstrou que mesmo os que superaram seus erros passados e hoje alcançam altos valores em produto interno bruto, por exemplo, não necessariamente são desenvolvidos, pois a nação precisa também de progresso material, social e cultural, de acordo com Vieira (2005).

Segundo Triches (2003), o Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, região colonizada em grande parte por imigrantes alemães e italianos desenvolveu sua economia baseada na agricultura de subsistência e a extração de madeira e sua indústria, voltada ao comércio exterior, até hoje é ligada a essas atividades, mesmo que não diretamente.

O comércio exterior é de extrema importância para o equilíbrio econômico mundial, pois gera crescimento e desenvolvimento, garantindo a diversidade de produtos e

oportunidades. E, por este motivo, é necessário analisar e compreender o funcionamento deste sistema tão relevante para a economia regional.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Qual a contribuição das exportações para o desenvolvimento regional do Alto Vale do Itajaí no período entre 2000 e 2019?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

- Identificar a contribuição das exportações para o desenvolvimento da região do Alto Vale do Itajaí no período entre 2000 e 2019;

1.2.2 Específicos

- Discutir como o desenvolvimento regional é influenciado pelo comércio internacional;
- Demonstrar a evolução das exportações por município da região do Alto Vale do Itajaí;
- Analisar a pauta exportadora dos cinco municípios que mais exportam na região para o ano de 2019.
- Comparar o volume exportado com indicadores de desenvolvimento;

1.3 JUSTIFICATIVA

O comércio é um grande civilizador. Os cidadãos, mesmo que movidos inicialmente pela necessidade de sobreviver, trocaram produtos e automaticamente compartilharam ideias e crenças que auxiliaram no desenvolvimento e crescimento tanto econômico como social desde os primórdios da humanidade.

Logo, é de conhecimento geral que desde o início das grandes navegações no século XV, as nações necessitavam possuir produtos que não tinham como extrair ou produzir, isso levou, mesmo que com alguns inconvenientes, a expansão da nossa rede de contatos, que nos últimos séculos dominou o mundo, sendo poucos os países que não são adeptos a ele.

A relevância teórica e prática desse estudo está na percepção de que há muitos trabalhos sobre o desenvolvimento regional no Alto Vale do Itajaí, mas que acabam o relacionando somente com a agricultura. Faltam estudos que identifiquem o potencial de crescimento da região em relação as exportações, esta que além de propiciar a acumulação de riquezas aos proprietários dos meios de produção, fornece também grande melhora na qualidade de vida da população regional.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo é apresentado o referencial teórico que dará base ao problema de pesquisa anteriormente apresentado. O item 2.1 demonstra a evolução do conceito de desenvolvimento. O item 2.2 aborda o comércio internacional desde a sua consolidação durante o período mercantilista e a mudança abrupta que torna o Estado um incômodo para o livre comércio. O item 2.3 caracteriza o comércio internacional, descrevendo os processos de exportação e importação, assim como os seus benefícios e malefícios. O item 2.4 relaciona o desenvolvimento regional com as exportações. O item 2.5 expressa rapidamente a história do Alto Vale do Itajaí, informando como ocorreu a evolução de alguns setores que até hoje são representativos.

2.1 DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Santos *et al* (2012) indicam que a origem do conceito de desenvolvimento surge na biologia com Darwin, pois empregado como processo de evolução dos seres vivos para o alcance de suas potencialidades genéticas, a palavra passou a ter uma concepção de transformação, vista como movimento um movimento na direção da forma mais apropriada.

De modo geral, a preocupação com o desenvolvimento tem suas raízes na ciência econômica. De maneira preliminar, os trabalhos de Adam Smith (1776), Thomas Malthus (1798), David Ricardo (1817) e Karl Marx (1867) apresentam o desenvolvimento como um fenômeno importante para a consolidação do sistema capitalista. Porém, é na década de 1940 que o desenvolvimento recebe o status de objeto de pesquisa científica com o surgimento da Economia do Desenvolvimento. Com ela, é construído todo um arcabouço teórico e metodológico para descrever e promover o desenvolvimento como algo próximo a uma sociedade industrial, urbana e detentora de riqueza, por meio de acúmulo de renda monetária. (SANTOS *et al*, 2012, p. 47).

Para Smith o homem movido pelo desejo do lucro passaria a produzir mais e o excedente seria um benefício para toda a sociedade. Ele defendia que o desenvolvimento de um país só seria possível quando os agentes econômicos suprissem seus interesses individuais de forma espontânea. Já para Ricardo, a distribuição da riqueza deve se dar entre salários, lucros e renda fundiária, mas que a mesma depende de lucros e renda da terra, pois salários são apenas despesas, logo a maior parte da riqueza gerada deveria estar em posse dos detentores de capital. Neste sentido, o desenvolvimento ricardiano decorre do montante de investimento que o capitalista aplica na unidade produtiva, conforme exposto por Santos *et al* (2012).

Os mesmos autores ainda indicam que Karl Marx insere o conceito de mais-valia no centro da sua teoria de desenvolvimento econômico, pois a acumulação de capital só é dada por meio dela possibilitando que algumas nações acumulem certo volume de capital e possam financiar os investimentos necessários. Então, é possível afirmar que o mercantilismo serviu como base para acumulação, estabelecendo a relação entre centro e periferia.

O desenvolvimento é visto como a força motriz capaz de conduzir uma sociedade atrasada à uma sociedade avançada. Desenvolver é sinônimo de acumular para depois distribuir. Essa visão de desenvolvimento torna-se mais ainda propagada com o surgimento da abordagem neoclássica da economia. Para os teóricos dessa corrente, o desenvolvimento se irradia concentricamente ao longo do tempo pelo espaço, trazendo a todos em algum momento o mesmo nível de progresso material, social e cultural dos países pioneiros capitalistas. Porém, verificou-se que no decorrer da história isso não aconteceu. Muito pelo contrário, a distância entre países ricos e países pobres ampliou. Crescer é preciso, distribuir nem tanto. (SANTOS et al, 2012, p. 48).

Os autores asseveram que com a passagem da crise de 1929, Segunda Guerra Mundial, início da Guerra Fria, assim como a crise da década de 1950 nos países de “Terceiro Mundo” ficou claro que o desenvolvimento explicado somente pelo crescimento não era alcançado por todos os países, logo uma abrangência regional e com outras variáveis, como Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, Índice de Gini e renda per capita devam ser analisadas. Surge então na ciência econômica um campo destinado a observar, descrever e explicar o fenômeno do desenvolvimento regional.

Mas para falar sobre desenvolvimento regional é necessário a conceituação dos seguintes termos: espaço, território e região.

De acordo com Souza (2009), o espaço pode ser visto através de três noções: geográfico, matemático e econômico. “O espaço geográfico diz respeito às concepções naturais de solo, clima e acessibilidade aos homens, sem considerações técnicas ou econômicas. O espaço matemático compreende as relações técnicas de variáveis econômicas, independentes de considerações geográficas.” (SOUZA, 2009, p. 13-14). O espaço econômico pode ter descontinuidades, ultrapassando sua influência das fronteiras político-administrativas. “O espaço também pode ser relacionado a uma divisão espacial do trabalho e referido a uma dada alocação econômica de recursos”. (THEIS e GALVÃO, 2012 apud FÜCHTER, 2014, p. 38).

De acordo com Haesbaert (2006) apud Füchter (2014), o território pode ser caracterizado a partir de três vertentes: política, cultura e econômica. Na vertente política o território está atrelado às relações de poder, ou seja, um espaço delimitado e controlado na maioria das vezes, mas não exclusivamente, ao poder político do Estado. A vertente cultural é

um “produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (HAESBAERT, 2006, p. 40 apud FUCHTER, 2014, p. 41). Para a vertente econômica, o território trata da dimensão espacial das relações de produção ou econômicas, sendo compreendido “como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital trabalho, como produto da divisão territorial do trabalho, [...]” (HAESBAERT, 2006, p. 40 apud FUCHTER, 2014, p. 41).

“Uma região forma uma identidade, apresentando características semelhantes; ela se apresenta como um campo de forças atraindo unidades econômicas e organizando todo o território à sua proximidade.” (SOUZA, 2009, p.12-13). A região precisa ser constituída por um território contínuo. “Ao utilizarmos o conceito de região, queremos nos referir a um certo espaço no qual se realiza um dado conjunto de atividades de produção social.” (THEIS, 2001, p. 215).

O desenvolvimento é “um processo que, compreendendo uma eficiente alocação de recursos, conduz a um crescimento sustentável do produto agregado, no longo prazo, promovido pelo emprego de mecanismos econômicos, sociais e institucionais [...]” (THEIS, 1998, p. 50 apud THEIS, 2001, p. 14).

2.2 EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL

O comércio internacional como hoje é conhecido é resultado de vários séculos de evolução, conforme demonstrado por Dias (2008). Então este item é dividido da seguinte forma: o subitem 2.2.1 traz a evolução do comércio internacional através do mercantilismo, o subitem 2.2.2 aborda as primeiras teorias criadas para descrever as vantagens encontradas ao realizar o comércio entre as nações e o subitem 2.2.3 traz a teoria da base exportadora e sua importância para o desenvolvimento regional.

2.2.1 O mercantilismo

A Revolução Comercial iniciada no século XVI consolidou uma nova forma de organização política, pois estabeleceu o Estado Nacional como principal agente econômico no plano mundial através de teorias e práticas que constituíram a primeira teoria do comércio internacional, denominada como mercantilista, afirma Dias (2008).

O mesmo autor indica ainda que a construção e evolução do comércio mundial teve, como em outros grandes pontos históricos, a Europa como principal ator. As grandes

navegações e a abertura da rota comercial para o Atlântico Sul rumo ao Oriente, propiciaram a acumulação de capitais, o descobrimento da América e a exploração da África e Oriente Médio. Entretanto, essas conquistas foram dadas através da escravização do negro africano e a prática predatória de exploração mineradora, criando bases que atualmente definem se o papel de um país é fundamental ou periférico no âmbito mundial.

Dias (2008) informa que as cidades italianas foram responsáveis pelo renascimento do comércio europeu, pois próximas ao Mediterrâneo, conseguiam ofertar especiarias que ampliavam o seu domínio sobre as rotas comerciais, assim como o aumento da sua riqueza. Diante disso, desenvolve-se uma aliança entre os mercadores e a realeza, pois os primeiros queriam garantir a circulação de suas riquezas e o segundo necessitava de adiantamentos monetários para cumprir com seus compromissos públicos e particulares. Dessa relação, surge uma nova camada social, os banqueiros, que passam a financiar em grande parte, as monarquias europeias. O Estado absolutista ganha força, criando bases que são responsáveis pelo crescimento da economia europeia e o desenvolvimento do capitalismo em todo mundo.

O autor também assevera que o monopólio de mercado das cidades italianas, entretanto, sujeitava todas as outras burguesias europeias a seus preços e oferta. A única forma de resolver isso seria abrindo o Atlântico para as grandes navegações. Essa expansão foi iniciada pelos portugueses no século XV através da costa da África culminando com a descoberta do Caminho das Índias por Vasco da Gama.

“O Atlântico transformou-se na mola propulsora do desenvolvimento capitalista, na fonte principal de acumulação de riquezas” (DIAS, 2008, p. 10). O autor indica que com o estabelecimento das rotas atlânticas, as cidades italianas entraram em colapso, pois todo o eixo econômico da Europa deslocou-se para a Lisboa, atraindo comerciantes e banqueiros de outros países.

Conforme Dias (2008), ainda no século XV, o rei de Portugal assume o poder absoluto do Estado, tornando-se o principal incentivador das novas descobertas e expansão marítima europeia, essa ideia se espalha pela Espanha, França e Inglaterra. Esse tipo de poder necessita de burocratas para administrá-lo e comerciantes para financiá-lo, assim surge o mercantilismo. O Estado com mais riquezas terá mais poder, assegurando a segurança, rentabilidade e monopólio exigidos pelos comerciantes.

Cada país europeu adotou o mercantilismo conforme a sua realidade e necessidades, mas haviam algumas características principais para esse tipo de política, de acordo com Dias (2008): a) o Estado deveria obter o máximo de ouro e prata, b) ter sempre uma balança

comercial¹ favorável (exportar muito, importar pouco), c) restringir as importações através de altas taxas alfandegárias, d) intervir na economia através de leis e investir no desenvolvimento da infraestrutura, comunicações e portos, e) os Estados deveriam exercer o monopólio, pois era um importante componente da sua política comercial, e f) o colonialismo, onde a vida econômica das colônias seguia os interesses da metrópole, de forma que atendessem somente as suas necessidades internas, complementando sua existência e não concorrendo a ela.

Pode-se dizer que muito do relacionamento comercial entre os países atualmente baseia-se nos princípios criados pelo mercantilismo,

Por outro lado, o mercantilismo cumpriu um importante papel na consolidação de uma economia mundial e na criação e fortalecimento dos Estados nacionais [...]. O período mercantilista caracterizou-se como uma revolução comercial que integrou a América, África e Ásia nos marcos do sistema econômico europeu. Nesse período desenvolveu-se a navegação no Oceano Atlântico, a produção manufatureira consolidou-se, aumentou a circulação de moedas e mercadorias, ampliaram-se as operações financeiras – crédito, seguros e outras. A agricultura aumentou sua produtividade, a mineração intensificou-se, cresceu a metalurgia, desenvolveu-se a navegação por todo o globo e a divisão técnica do trabalho se aprofundou promovendo-se uma grande acumulação de capital que favoreceu o surgimento da Revolução Industrial, que ocorreu a partir da segunda metade do século XVIII inicialmente na Inglaterra. (DIAS, 2008, p.50).

Para o mesmo, esse período promoveu mudanças na sociedade que refletem até os dias atuais. O Brasil viveu grande parte da sua história sobre essas práticas, sofrendo influências e cumprindo um dos papéis mais significativos para a acumulação de riquezas europeia, antecedendo a consolidação do capitalismo como sistema econômico dominante.

2.2.2 Os primeiros pensadores do comércio internacional

Cassar (2008), informa que os dois principais autores do liberalismo econômico são Adam Smith e David Ricardo, ambos voltam suas ideias ao livre comércio e intervenção estatal somente em interesses básicos, como saúde e educação. O Quadro 01 traz a principal característica referente ao comércio exterior dos mesmos.

¹ Item do balanço de pagamentos em que são lançadas as exportações e as importações de mercadorias, em termos FOB (VASCONCELLOS e GARCIA, 2014, p. 299)

Quadro 01 – Principal característica das teorias de comércio internacional

Autor	Teoria desenvolvida	Principal característica
Adam Smith	Teoria da vantagem absoluta	A referência é o local com características mais favoráveis à produção de determinada mercadoria: cada país deve concentrar-se em produzir somente as mercadorias que apresentar melhores condições de fazê-lo.
David Ricardo	Teoria da vantagem comparativa	A referência utilizada pela teoria, além do local com características mais favoráveis a produção, leva em conta a garantia de uma balança comercial equilibrada entre os países, denotando uma preocupação com a continuidade da relação comercial: cada país deve concentrar-se em mercadorias que apresentem maior vantagem absoluta ou menos desvantagem comparativa entre si.

Fonte: Cassar (2008, p. 62).

A teoria de Adam Smith afirma que cada país deve produzir aquilo que é mais barato produzir ali do que em qualquer outro lugar no mundo, proporcionando vantagens recíprocas. Entretanto,

A teoria de David Ricardo atende especialmente a países em desenvolvimento onde até mesmo a produtividade do campo muitas vezes é inferior à de países desenvolvidos. Países que não apresentem vantagens absolutas passam, então, a se concentrar na produção de bens em que a desvantagem produtiva seja menor, isso garante a preservação das relações internacionais de troca, sem necessariamente depender dos fluxos monetários entre os países, decorrentes de investimentos produtivos, financeiros ou mesmo da simples remessa de recursos. (CASSAR, 2008, p. 64).

O mesmo autor traz a fragilidade da teoria de Adam Smith: ela considera que cada país terá um produto com vantagem absoluta, o que não é correto. Os dois autores clássicos ainda consideram somente o custo de trabalho determinante para o custo de produção, sem analisar que as mercadorias produzidas são consequências de diversos fatores como natureza, capital, tecnologia, entre outros.

2.2.3 Teoria da base exportadora

A teoria de crescimento regional e a teoria da localização, precedentes da teoria da base exportadora, esquematizaram uma sequência de desenvolvimento que é apresentada da seguintes forma:

- 1- economia de subsistência, com pouco comércio e essencialmente agrícola;
- 2- com a melhoria dos transportes, desenvolve-se o comércio inter-regional, a indústria básica de extração e a especialização local;

3- com o comércio inter-regional a região passa por sucessivas culturas agrícolas, além de pecuária extensiva, fruticultura e horticultura;

4- com o crescimento populacional e os rendimentos decrescentes da agricultura e extração, a região vê-se obrigada a se industrializar;

5- o final do desenvolvimento é alcançado quando a região se especializa em atividades terciárias e produz para exportação (North, 1955).

O mesmo, ao confrontar essa sequência com casos de crescimento em regiões norte-americanas do Pacífico Noroeste, não encontrou um desenvolvimento gradual, pois estas saltavam diretamente para o desenvolvimento de atividades terciárias influenciadas pelas exportações de alguns bens.

“Os Estados Unidos foram colonizados como um empreendimento capitalista”, logo “o objetivo básico era explorar a terra e seus recursos, com o fim de produzir bens que pudessem ser comercializados “fora” e que se transformariam em renda monetária”. (NORTH, 1955, p. 295).

À medida que cresce a renda da região, as poupanças locais tenderão a se extravasar para novos tipos de atividades. Em primeiro lugar, essas atividades satisfazem a demanda local, mas posteriormente, algumas delas se tornarão indústrias de exportação. Esse movimento é reforçado pela tendência dos custos de transferência de se tornarem menos importantes. Como resultado, as bases de exportação das regiões tendem a se tornar mais diversificadas e tendem a perder sua identidade como regiões. Finalmente, a longo prazo, podemos esperar, com a mobilidade, uma maior equalização da renda per capita e uma dispersão mais ampla da produção. (NORTH, 1955, p. 313).

Ou seja, o sucesso da base de exportação é um fator determinante para o desenvolvimento regional, que influencia a renda absoluta, per capita, a quantidade e tipo de atividades locais, assim como no tipo de força de trabalho, distribuição da população e o padrão de urbanização (North, 1955).

2.3 COMÉRCIO EXTERIOR: EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

Keedi (2015) afirma que o comércio exterior é movido pelas necessidades que os países possuem, causadas pela abundância ou falta de recursos. A sua importância está relacionada a um conjunto mais abrangente de contatos e ações entre os países, principalmente no âmbito político, pois este pode determinar o volume de negócios.

Para Cassar (2008), algumas das justificativas para o comércio exterior estão baseadas em:

- a) diferentes condições de clima;
- b) diversidade mineral do subsolo;
- c) ganhos de escala através da produção de grandes volumes;
- d) especialização das atividades gera divisão de trabalho;
- e) diferentes níveis de consumo.

Segundo Keedi (2015) uma das maiores fontes de realização de comércio são os recursos naturais, tanto pelo lado importador quanto exportador, pois a existência da agricultura e agropecuária são facilitadores para a existência das transações comerciais internacionais. Países com recursos naturais abundantes podem exportá-los para países com recursos escassos, da mesma forma acontece com os recursos tecnológicos, industriais, de capital e de trabalho.

“Exportar é o ato de remeter a outro país mercadorias produzidas em seu próprio, que sejam de interesse do país importador, e que proporcionem a ambos envolvidos vantagens na sua comercialização ou troca.” (KEEDI, 2015, p. 20).

O mesmo informa que a exportação pode ser de bens ou serviços, podendo ser realizada de maneira direta ou indireta. Na forma direta, o próprio fabricante é responsável pela exportação do seu produto, não fazendo uso de nenhum intermediário. A maneira indireta indica que o exportador não é o mesmo que o fabricante do produto, no caso, este fica oculto e toda a operação de exportação fica a cargo do vendedor exterior.

A exportação também poderá ser realizada tanto de maneira definitiva quanto temporária. Na maneira definitiva, a mercadoria é incorporada ao ativo do país importador, passando a ser considerada uma mercadoria nacional para todos os efeitos legais, deixando de pertencer ou constar no ativo do país exportador. Se tiver de sair do país deverá sofrer uma operação de exportação como qualquer mercadoria produzida nesse país. Na temporária, ela sai do país por determinado tempo, suficiente para realizar a operação para qual foi enviada, como, por exemplo, a participação em feiras, exposições, demonstrações, competições ou outros eventos equivalentes, operação de melhoria ou transformação e outro motivos que justifiquem o se envio ao exterior para posterior retorno. (KEEDI, 2015, p. 23-24).

Para Keedi (2015) a exportação causa diversificação de mercadorias e de compradores, reduzindo, conseqüentemente, os riscos com redução de consumo, mudança de hábitos e política governamental. O aumento da produção causado pelo aumento das exportações tem efeito direto no nível de emprego, de renda disponível e de competitividade. Há uma aprimoração de recursos humanos e tecnológicos, a criação de uma marca internacional e o reconhecimento da empresa como produto de bens para o mercado internacional.

De acordo com Vieira (2005), a empresa que ingressa no mercado exportador desenvolve nova cultura, aprimora seus métodos administrativos e organizacionais, adquirindo

vantagem frente aos concorrentes internos. As exportações são elementos importantes para a tomada de decisões, principalmente quando trata-se de investimento e expansão da capacidade produtiva.

No Quadro 02 encontram-se algumas variáveis que influenciam as exportações (dólar é utilizado para simplificação):

Quadro 02 – Variáveis que influenciam as exportações

Preços externos em dólares	Se os preços dos produtos brasileiros se elevarem no exterior, as exportações nacionais deverão elevar-se.
Preços internos em reais	Uma elevação dos preços internos de produtos exportáveis pode desestimular as exportações e incentivar a venda no mercado interno.
Taxa de câmbio (reais por dólares)	Uma desvalorização cambial deve estimular as exportações, seja porque os exportadores brasileiros receberão mais pelo produto ou porque os compradores externos poderão comprar mais produtos no Brasil.
Renda mundial	Um aumento da renda mundial estimula o comércio internacional.
Subsídios e incentivos às exportações	Qualquer subsídio, seja de ordem fiscal ou financeira sempre representam um fator de estímulo às exportações.

Fonte: elaborado a partir de Vasconcellos e Garcia (2014).

Keedi (2015) diz que a entrada de bens produzidos no exterior é chamada importação. É o ato de adquirir em outro país mercadorias que sejam úteis à sua população e seu desenvolvimento. Basicamente, é o processo inverso ao da exportação.

O Quadro 03 traz os principais fatores para determinar o comportamento das importações.

Quadro 03 – Variáveis que influenciam as importações

Preços externos em dólares	Se os preços dos produtos importados se elevarem no exterior em dólares, haverá uma retração das importações brasileiras.
Preços internos em reais	Um aumento dos preços internos de produtos produzidos internamente incentivará a compra dos similares no mercado externo, elevando as importações.
Taxa de câmbio (reais por dólares)	Uma desvalorização cambial acarretará maior despesa aos importadores, pois pagarão mais reais pelos mesmos produtos antes importados.
Renda e produto nacional	Um aumento da produção e da renda nacional significa que o país está crescendo e que demandará mais produtos importados, seja na forma de matérias-primas, bens de capital ou de consumo.
Tarifas e barreiras às importações	A imposição de barreiras quantitativas ou qualitativas ocasiona uma inibição na compra de produtos importados.

Fonte: elaborado a partir de Vasconcellos e Garcia (2014).

Keedi (2015) informa que a importação elimina uma possível escassez de produtos no mercado interno, causando uma maior concorrência e diminuindo os preços. O comércio exterior é uma via de mão dupla, onde a importação de um bem pode garantir a exportação de outro.

2.3.1 Benefícios e malefícios do comércio internacional

O comércio global somente ampliou uma prática que advém da humanidade desde os seus primórdios: a troca de mercadorias, tornando-se assim uma atividade econômica constituída e importante para a satisfação e desenvolvimento da sociedade, de acordo com Cassar (2008).

A intensificação da atividade comercial trouxe benefícios sociais e econômicos, que são relacionados por Cassar (2008) da seguinte forma:

- a) ampliação do mercados consumidores;
- b) acesso a maior diversidade de fornecedores de insumos e matérias-primas;
- c) acesso a maior diversidade de mercadorias pelas pessoas;
- d) acesso a novas tecnologias e diferentes padrões de produção;
- e) ampliação dos fluxos monetários entre os países;
- f) criação de novas alternativas de produção, concentrando atividade em determinados lugares, de modo que o processo completo se dê com base no trabalho de diferentes países;
- g) desenvolvimento de oportunidades de negócios vinculadas às peculiaridades de alguns países; e
- h) ampliação do contato entre povos de diferentes etnias e culturas.

Basicamente, o comércio exterior pode ser benéfico enquanto gera crescimento e desenvolvimento econômico, garantindo a diversidade de produtos e oportunidades. Entretanto, há quem acredite que o excesso de comércio internacional gera uma interdependência entre os países, o que pode afetar a sua soberania. Além de que, em decorrência de sua baixa competitividade torna-se dependente única e exclusivamente da importação de algum produto. Os fatores contrários ao desenvolvimento e ampliação das relações comerciais são elencados conforme segue:

- a) a concorrência internacional pode gerar desenvolvimento assimétrico entre os diferentes países, principalmente dos pontos de vista tecnológico e econômico; b) a busca por produtos e serviços competitivos pode levar um país a se concentrar em algumas atividades em que apresente diferencial em termo de produtividade ou mesmo tecnologia de produto e processo; isto determina a divisão internacional do trabalho, que acaba favorecendo países desenvolvidos em detrimento de países em desenvolvimento, aos quais é destinada a vocação agrícola, caracterizada por produtos de menor valor agregado; c) o desenvolvimento de apenas alguns setores econômicos cria uma relação de interdependência global, adequada para tempos de paz, mas altamente fragilizante em tempos de crises entre países. No caso de isolamento internacional, o país se vê desprovido de alternativas que substituam, mesmo que a

um custo maior, produtos oriundos do exterior, para os quais muitas vezes não se possui sequer a competência básica de sua confecção. (CASSAR, 2008, p. 56).

Como o comércio internacional assumiu tamanha importância para o crescimento e desenvolvimento de um país, muitos são os autores que vão destacar a importância de um Estado ausente, onde o indivíduo pode escolher qual e onde será executada a atividade econômica que este deseja realizar, assim como o seu preço. O arcabouço teórico formado por esses ideais é chamado de liberalismo e os primeiros trabalhos voltados a compreender o funcionamento do comércio internacional na sociedade são denominadas Teorias Clássicas do Comércio Internacional, afirma Cassar (2008).

2.3.2 A política comercial

O livre comércio, proposto por Adam Smith e seus seguidores, é mais uma exceção que regra, tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento. Normalmente, esses governos intervêm com o objetivo de favorecer o produtor nacional, de modo a diminuir as importações e aumentar as exportações, conforme exposto por Carvalho e Silva (2007).

Os autores informam que a proteção é dada através de diversos instrumentos de intervenção, tais como tarifas, subsídios, controles cambiais, monopólios, leis de compras de produtos nacionais, barreiras não tarifárias, entre outros.

Segundo Carvalho e Silva (2007), o mais comum entre todos é a tarifa, cobrada quando a mercadoria entra no país. Ela é também uma das formas mais antigas de tributação e antigamente era utilizada como importante fonte de renda para os governos. Oferece vantagem aos produtos domésticos frente à concorrência estrangeira.

Para os autores, a tarifa entretanto, provoca perda aos consumidores, sendo que esta não é compensada integralmente pelos ganhos dos produtores e receitas do governo. Seus efeitos estendem-se também sobre a produção, a renda e sua distribuição, receita do governo, concorrência e balanço de pagamentos.

Quando empregados como instrumentos de política comercial, os subsídios consistem em pagamento diretos ou indiretos feitos pelo governo para encorajar as exportações ou desencorajar as importações. É dado geralmente, através de pagamentos em dinheiro, redução de impostos ou financiamento a taxas de juros inferiores ao mercado, afirmam Carvalho e Silva (2007).

“Enquanto a tarifa gera receita para o governo, o subsídio à exportação aumenta os gastos públicos. Essa diferença é importante e pode condicionar a escolha do instrumento de

intervenção, particularmente se o momento econômico recomendar contenção de gastos.” (CARVALHO; SILVA, 2007, p. 69).

2.4 AS RELAÇÕES EXTERNAS DE UMA REGIÃO

Douglas North (1955) disse que a exportação é um fator determinante para o desenvolvimento regional. Segundo Souza (2009), um dos fundamentos para essa teoria são as economias de escala geradas para um mercado mais amplo que aquele delimitado por fronteiras regionais. Além disso, uma região pequena não consegue produzir tudo o que consome, necessitando importar de outras regiões ou de outros países também. E como o mercado interno é pequeno, o aumento das exportações justifica-se pelo fato das indústrias necessitarem de uma escala mínima para serem eficientes.

Ademais, conforme exposto por Souza (2009) uma região que se industrializa mas não é capaz de aumentar suas exportações, pode comprometer o próprio crescimento, pois “crescendo as exportações, as empresas exportadoras aumentam as compras de produtos intermediários e os trabalhadores adicionais gastam suas rendas na economia local, exercendo um efeito multiplicador sobre a renda regional.” (SOUZA, 2009, p. 87).

A ideia de exportar a produção excedente, amplia-se também pela verificação de que muitos produtos exportáveis podem ter demanda interna inelástica, ou seja, não aumentaria na mesma proporção da expansão da renda e redução dos preços. Então, para manter a produção em constante crescimento e evitar a evasão de recursos produtivos seria necessário expandir as exportações para outras regiões e países. “Teoricamente, a ideia de exportar a produção excedente fundamenta-se na deficiência de crescimento da demanda efetiva interna, em relação às possibilidades de expansão da oferta.” (SOUZA, 2005 apud SOUZA, 2009).

Certas regiões apresentam vantagens naturais que podem tornar fácil a implantação de indústrias orientadas às fontes de matérias-primas. Este é o caso de usinas de açúcar, moinhos de farinha, fábricas de óleos e a indústria da madeiras. Os produtos dessas atividades atendem tanto às necessidade locais como podem abastecer os mercados externos, estimulando, além disso, a própria agricultura. Com a diversificação das exportações, outras atividades são criadas, como agroindústrias alimentares e de transformação de outros produtos primários, indústrias metalúrgicas, mecânicas, químicas, etc., constituindo fator de atração de novas indústrias [...]. (SOUZA, 2009, p. 90).

A autora assevera que as exportações de mercadorias não tradicionais e a conquista de novos mercados diversificam a base exportadora e tornam a região menos vulnerável as flutuações conjunturais que podem ocorrer. A queda na quantidade exportada e nos preços das

mercadorias causam prejuízos tanto para os exportadores quanto para o mercado interno que é interligado as exportações. A região deve sempre atentar-se às crises externas a fim de minimizar os efeitos sobre a renda e o emprego.

As flutuações conjunturais tanto nacional quanto internacional afetam o crescimento regional. Flutuações resultantes de condições climáticas adversas reduzem o nível de atividade agrícola na região, que afetam as agroindústrias exportadoras. Políticas públicas nacionais podem prejudicar os negócios da região assim como uma política cambial desfavorável aos exportadores. Para minimizar esses efeitos, os investimentos devem ser realizados também em unidades exportadoras alternativas ou em outras atividades, como o turismo, contrabalanceando a queda das exportações, expressa Souza (2009).

A mesma autora ainda esclarece que nas fases iniciais do desenvolvimento regional, as empresas só atendem à demanda local, cabe então a política de desenvolvimento regional motivar a criação de uma infraestrutura adequada para que os empresários produzam e exportem mais. “A escassez de recursos públicos para investimento tem retardado o desenvolvimento de muitas regiões” (SOUZA, 2009, p. 93). A construção de estradas, portos, ferrovias, silos e armazéns para a estocagem de produtos agrícolas gera novos estímulos a região, onde novas culturas de exportação surgem, possibilitando o uso racional das terras e mão de obra ociosas e estimulando o desenvolvimento de pequenas comunidade do interior do país.

2.5 A REGIÃO DO ALTO VALE DO ITAJAÍ – SC

O engenheiro Emil Odebrecht, através de expedições realizadas verificou que o Alto Vale apresentava grande potencial colonizador, pois apresentava áreas planas cultiváveis e um rio (Itajaí Açu) que além de sua função natural apresentaria-se como o caminho natural para o avanço da ocupação alemã e italiana, pois acompanhando o leito é que foram construídas as estradas, povoados, vilas e cidades. Além é claro, de servir como ligação entre Blumenau e Lages, conforme exposto por Triches (2003).

O autor assinala que apesar de no século XIX haverem alguns focos de colonização isolados, a mesma intensificou-se na segunda e terceira décadas do século XX, principalmente com os descendentes dos europeus das primeiras colônias estrangeiras. As terras devolutas foram vendidas pelas colonizadoras ou fornecidas como pagamento pelos serviços prestados na construção de estradas. Sendo a principal delas, a estrada de ferro, que teve a construção iniciada em 1906, ligando Blumenau e a Colônia Hansa (Ibirama), iniciando o seu

funcionamento em 1910. Em 1929 ela chegou a Lontras, em 1933 a Rio do Sul e em 1937 a Trombudo Central. Infelizmente esta foi desativada na década de 70.

Toda a área que compreende o Alto Vale do Itajaí, foi território históricos dos índios Xokleng, que tiveram a maior parte de sua população dizimada já nos primeiros anos de colonização, devido aos frequentes conflitos e inseguranças com os europeus. A Reserva Duque de Caxias foi criada para agrupá-los após a pacificação em 1914, segundo Menezes (2009).

Já a economia da região segue a mesmas características do Vale do Itajaí. Nas duas primeiras décadas do século XX, suas atividades econômicas principais eram a agricultura de subsistência e a extração de madeira, fazendo com que a indústria nascente estivesse intimamente ligada a essas atividades, pois dela obtinham as matérias primas como, além da própria madeira, os laticínios, banha e fecularia, de acordo com Triches (2003).

Devido a desenfreada exploração da madeira, na década de sessenta as reservas já encontravam-se muito menores, e que com a proibição do corte de mata nativa expedida pelo Governo Federal em 1985, a madeira deixou de ser a principal atividade da região. Mas, com o avanço da competitividade do mercado, as agroindústrias alimentares tornaram-se destaques, principalmente no abate de suínos, e o processamento de mandioca, cereais e conservas, conforme descrito por Triches (2003). Além das agroindústrias, é importante salientar que a extração da madeira dependia diretamente de mão de obra especializada na reparação dos equipamentos de extração, processamento e transporte, então

Aos poucos, emergiu um setor metal-mecânico embrionário na área, garantindo a eficácia da linha de produção nas serrarias. Como ressaltou um dos entrevistados, “[...] foi a partir das ferramentarias e do mecânico Hermann Purnhagen, este vindo de Jaraguá do Sul, que essa indústria se consolida, permanecendo atuante até os dias atuais”. Sendo assim, com a decadência do setor extrativista, o embrionário setor metal-mecânico se fortalece e ganha espaço. (MENEZES, 2009, p. 135.)

A mesma aponta que além deste setor, o segmento de confecções emerge em 1978 através das empresas Daksul, Tecidos Leal, Deola, Hering e SulFábrica. Esta última, que ao decretar falência em 1999, provocou uma reorientação significativa na região, pois o *know how* adquirido pelos funcionários viabilizou a abertura de fábricas que prestavam serviços para grandes empresas do médio vale.

Atualmente a microrregião conhecida como Alto Vale do Itajaí pertence a região do Vale do Itajaí, ou seja, faz parte da bacia hidrográfica do rio que nomeia a região. Localiza-se praticamente no centro do estado catarinense, este que faz parte da região sul do Brasil.

O Alto Vale, onde está concentrada essa pesquisa, abrange os 28 municípios que fazem parte da AMAVI (Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí), sendo eles: Agrolândia, Agronômica, Atalanta, Aurora, Braço do Trombudo, Chapadão do Lageado, Dona Emma, Ibirama, Imbuia, Ituporanga, José Boiteux, Laurentino, Lontras, Mirim Doce, Petrolândia, Pouso Redondo, Presidente Getúlio, Presidente Nereu, Rio do Campo, Rio do Oeste, Rio do Sul, Salete, Santa Terezinha, Taió, Trombudo Central, Vidal Ramos, Vitor Meirelles e Witmarsum (AMAVI, 2020)

De acordo com a Federação Catarinense de Municípios (2020), o estado de Santa Catarina possui 21 associações de municípios. Na figura 01, é possível visualizar a localização do Alto Vale do Itajaí (e AMAVI) no estado catarinense e na figura 02 a organização geográfica dos municípios que a compõe.

Figura 01- Localização do Alto Vale do Itajaí em Santa Catarina



Fonte: FECAM (2020).

Figura 02 – Organização geográfica dos municípios do Alto Vale do Itajaí



Fonte: AMAVI (2020).

Em 2010, conforme dados do IBGE apud Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, a região possuía 97.622 habitantes na área rural e 171.802 na área urbana. A tabela 01 demonstra o comparativo entre o país, estado, região e municípios para esse mesmo ano.

Tabela 01 – População rural, urbana e total em 2010

Territorialidades	Rural	%	Urbana	%	Total
Brasil	29.830.007	15,64%	160.925.792	84,36%	190.755.799
Santa Catarina	1.000.523	16,01%	5.247.913	83,99%	6.248.436
Alto Vale do Itajaí	97.622	36,23%	171.802	63,77%	269.424
Agrolândia	3.364	36,08%	5.959	63,92%	9.323
Agronômica	3.046	62,11%	1.858	37,89%	4.904
Atalanta	1.932	58,55%	1.368	41,45%	3.300
Aurora	3.618	65,20%	1.931	34,80%	5.549
Braço do Trombudo	1.559	45,10%	1.898	54,90%	3.457
Chapadão do Lageado	2.249	81,43%	513	18,57%	2.762
Dona Emma	1.853	49,80%	1.868	50,20%	3.721
Ibirama	2.517	14,52%	14.813	85,48%	17.330
Imbuia	3.192	55,93%	2.515	44,07%	5.707
Ituporanga	7.418	33,34%	14.832	66,66%	22.250
José Boiteux	3.110	65,88%	1.611	34,12%	4.721
Laurentino	1.630	27,15%	4.374	72,85%	6.004
Lontras	3.230	31,53%	7.014	68,47%	10.244

Mirim Doce	1.311	52,17%	1.202	47,83%	2.513
Petrolândia	3.906	63,71%	2.225	36,29%	6.131
Pouso Redondo	5.786	39,07%	9.024	60,93%	14.810
Presidente Getúlio	4.352	29,23%	10.535	70,77%	14.887
Presidente Nereu	1.476	64,62%	808	35,38%	2.284
Rio do Campo	3.560	57,49%	2.632	42,51%	6.192
Rio do Oeste	3.700	52,19%	3.390	47,81%	7.090
Rio do Sul	4.413	7,21%	56.785	92,79%	61.198
Salete	2.383	32,33%	4.987	67,67%	7.370
Santa Terezinha	7.254	82,74%	1.513	17,26%	8.767
Taió	7.296	42,27%	9.964	57,73%	17.260
Trombudo Central	2.452	37,42%	4.101	62,58%	6.553
Vidal Ramos	4.498	71,51%	1.792	28,49%	6.290
Vitor Meireles	3.762	72,25%	1.445	27,75%	5.207
Witmarsum	2.755	76,53%	845	23,47%	3.600

Fonte: elaborado a partir do IBGE apud Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil (2020).

O município mais populoso é Rio do Sul, que em 2010 contava com uma população de 61.198 habitantes, onde 92,79% residiam na área urbana. Sendo seguido por Ituporanga, Ibirama, Taió e Presidente Getúlio. O menos populoso é Presidente Nereu, com 2.284 habitantes, onde 64,62% residiam em área rural, sucedido por Mirim Doce, Chapadão do Lageado, Atalanta e Braço do Trombudo. Do total de 28 municípios, 15 ainda apresentam população rural maior que a urbana para este ano.

A região possui um aeroporto de pequeno porte, localizado em Lontras. Sua principal forma de acesso é pela BR 470. Para chegar ao porto de Itajaí é necessário percorrer 140 km e para o porto de São Francisco, 190 km, contando a partir de Rio do Sul, de acordo com Triches (2003).

Referente a economia, no ano de 2017 os serviços são os responsáveis por compor a maior parte do PIB estadual, da região e seus cinco maiores municípios, conforme demonstrado pela tabela 02.

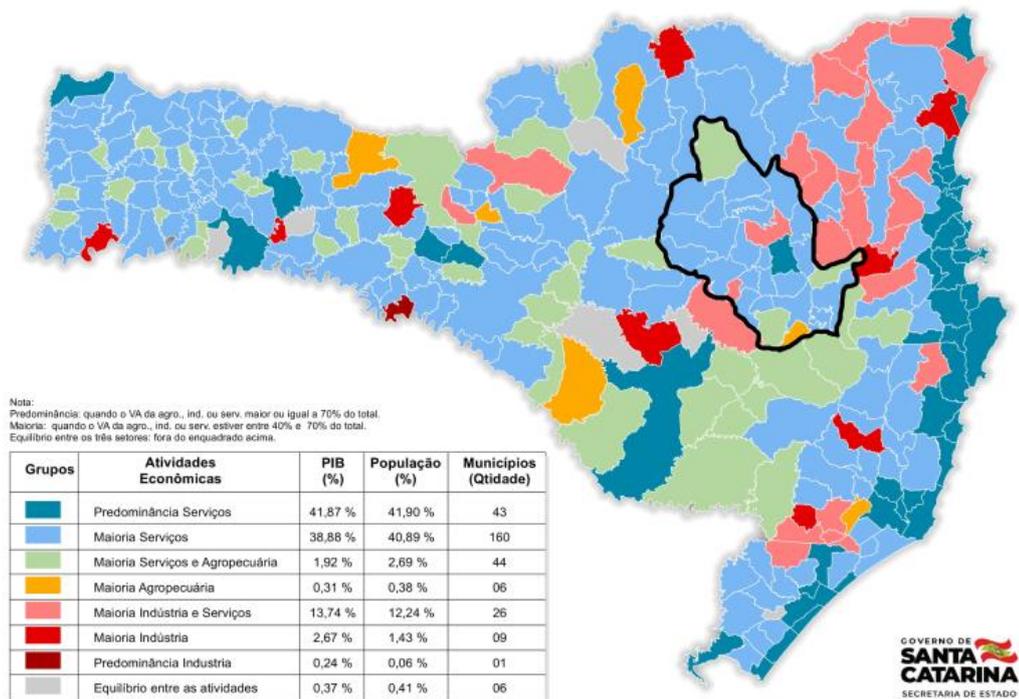
Tabela 02 – PIB² e VA³ total e por setores da atividade econômica a preços correntes (2017)

Municípios	Valor Adicionado (em mil reais)				Impostos (em mil reais)	PIB (em mil reais)
	Agropecuária	Indústria	Serviços	TOTAL		
Santa Catarina	14.212.206	63.191.287	156.466.025	233.869.518	43.322.443	277.191.961
Alto Vale do Itajaí	1.217.209	2.049.588	4.945.391	8.212.188	852.372	9.064.560
Rio do Sul	17.498	579.482	1.666.148	2.263.128	308.248	2.571.376
Ituporanga	127.906	166.473	463.525	757.904	73.703	831.607
Presidente Getúlio	45.069	233.947	291.622	570.638	55.068	625.706
Taió	78.907	135.254	295.999	510.160	63.370	573.530
Pouso Redondo	56.783	144.749	267.449	468.981	51.580	520.561

Fonte: elaborado a partir de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE apud Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável – SDE (2020).

Os serviços ocorrem em maioria em 21 municípios da região, seguidos por 3 indústria e serviços, 2 com maioria em indústria e serviços, 1 com maioria em agropecuária e em 1 predomina os serviços, conforme demonstrado pela figura 03.

Figura 03 – Tipologia do valor adicionado em 2017



Fonte: Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável – SDE (2019)

² “Produto Interno Bruto: renda devida à produção dentro dos limites territoriais do país.”. (VASCONCELLOS E GARCIA, 2014, p. 312).

³ “Valor adicionado: consiste em calcular o que cada ramos de atividade adicionou ao valor do produto final, em cada etapa do processo produtivo. É dado pela diferença entre o valor bruto da produção (receita de vendas) e as compras de bens intermediários (matérias primas e componentes).”. (VASCONCELLOS E GARCIA, 2014, p. 316).

A figura 03 demonstra que a região do Alto Vale do Itajaí segue a mesma linha do que acontece na maior parte do estado catarinense, onde os municípios possuem predominância (VA maior ou igual a 70%) ou maioria (VA entre 40% e 70%) em serviços.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho de conclusão de curso caracteriza-se como pesquisa descritiva e bibliográfica, pois seu objetivo é analisar as contribuições das exportações para o desenvolvimento regional do Alto Vale do Itajaí entre 2000 e 2019. O trabalho buscou responder as seguintes questões: como as exportações contribuem para o desenvolvimento regional (com foco no Alto Vale do Itajaí), de modo a ser possível discutir, demonstrar, comparar e analisar com os indicadores de desenvolvimento?

Quanto aos procedimentos, utilizou-se levantamento documental com análise qualitativa, visto que foram analisados fatos históricos e dados de órgãos oficiais dos governos federal e estadual a fim de responder as questões anteriormente levantadas.

A pesquisa foi realizada da seguinte forma: pesquisa em sites oficiais que trouxeram os dados referentes ao volume de exportações e indicadores de desenvolvimento como Índice de Desenvolvimento Humano e Índice de Gini.

4. A CONTRIBUIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ALTO VALE DO ITAJAÍ – SC NO PERÍODO DE 2000 A 2019

Considerando o que já foi abordado sobre desenvolvimento regional e comércio exterior no referencial teórico deste trabalho, esse tópico fornece os dados necessários para que sejam cumpridos os objetivos (geral e específicos) mencionados inicialmente.

O item 4.1 traz os dados referentes as exportações dos municípios entre os anos de 2000 a 2019. O subitem 4.1.1 informa do que é composta a pauta exportadora dos cinco maiores exportadores regionais para o ano de 2019. O item 4.2 apresenta os dados municipais para o Índice de Desenvolvimento Humano, o item 4.3 para o Índice de Gini e o item 4.4 para o Índice de Desenvolvimento Municipal Sustentável.

4.1 AS EXPORTAÇÕES REGIONAIS

Exportação, como já mencionado nesse trabalho é o ato de remeter a outro país produtos e serviços produzidos em seu próprio. Nas tabelas 03, 04, 05 e 06 são demonstrados os valores de exportação para cada município da região, nos períodos mencionados no título da tabela.

Os dados apresentados nas tabelas abaixo, foram contabilizados da seguinte forma: entre 2000 e 2017 os dados estatísticos foram gerados quando ocorreu o desembaraço aduaneiro e a partir de 2018 quando o produto é considerado uma “Carga Completamente Exportada – CCE”. A mudança ocorreu devido a implantação do Portal Único que segue as recomendações do IMTS - *International Merchandise Trade Statistics*, ou Estatísticas de Comércio Internacional de Mercadorias, em português, de acordo com o Ministério da Economia (2020c).

Os valores são expressos em “US\$ FOB” este último que significa *Free On Board*, ou seja, indica que o “exportador é responsável pela mercadoria até ela estar dentro do navio, para transporte, no porto indicado pelo comprador” (IPEA, 2006). *Free* quer dizer que a mercadoria já está desembaraçada na alfândega e pronta para a saída.

As tabelas apresentam os dados de exportação municipais levando em consideração, o domicílio fiscal (sede) da empresa exportadora, independente da UF onde tenha sido produzidos ou extraídos.

Tabela 03 – valores das exportações municipais 2000-2004 (FOB US\$)

Município AVI/Ano	2000	2001	2002	2003	2004
Agrolândia	16.819	0	118.000	5.500	1.188.000
Agronômica	64.175	11.152	336.269	197.197	997.870
Atalanta	0	0	0	0	0

Aurora	0	0	0	0	0
Braço do Trombudo	1.036.833	1.327.339	752.333	1.173.137	2.056.883
Chapadão do Lageado	0	0	0	0	0
Dona Emma	1.474	4.230	363.174	601.056	1.426.331
Ibirama	9.898.232	7.282.094	8.034.568	8.131.838	10.262.437
Imbuia	0	0	0	0	0
Ituporanga	153.875	30.550	42.419	168.120	0
José Boiteux	13.176	37.431	55.584	63.710	10.722
Laurentino	1.221	20.500	0	47.190	76.413
Lontras	3.183.227	1.599.701	128.401	223.423	583.650
Mirim Doce	603.714	133.044	45.524	45.456	0
Petrolândia	0	0	0	0	0
Pouso Redondo	8.348.069	10.827.206	12.151.869	11.161.382	17.280.293
Presidente Getúlio	5.480.619	30.483.483	32.119.083	25.725.225	47.771.898
Presidente Nereu	0	0	0	0	0
Rio do Campo	1.845.059	1.539.522	1.410.098	1.771.541	3.608.978
Rio do Oeste	120.121	34.220	67.933	367.203	45.963
Rio do Sul	10.544.265	11.284.576	31.895.830	45.769.798	80.555.698
Salete	8.643.138	8.792.833	12.778.377	10.519.092	16.623.564
Santa Terezinha	0	0	0	0	0
Taió	2.554.833	1.689.790	2.063.677	1.981.759	4.735.745
Trombudo Central	3.584.172	3.540.911	5.212.832	10.366.803	11.126.840
Vidal Ramos	28.737	93.219	61.864	66.077	0
Vitor Meireles	0	0	0	0	0
Witmarsum	0	0	0	0	0
Total	56.121.759	78.731.801	107.637.835	118.385.507	198.351.285

Fonte: Ministério da Economia⁴ (2020a).

Para o ano de 2000 os maiores exportadores foram os municípios (do maior volume exportado para o menor) Rio do Sul, Ibirama, Salete, Pouso Redondo e Presidente Getúlio. A sua soma resulta em um valor de US\$ 42.914.323, o que representa 76,47% do total exportado pela região.

Para o ano de 2001 os maiores exportadores foram Presidente Getúlio, Rio do Sul, Pouso Redondo, Salete e Ibirama. A sua soma resulta em um valor de US\$ 68.670.192, representando 87,22% do total.

Para o ano de 2002 os municípios que mais exportaram foram Presidente Getúlio, Rio do Sul, Salete, Pouso Redondo e Ibirama. A soma dos seus valores resulta em um total de US\$ 96.979.727, o que representa 90,10% das exportações regionais.

⁴ O Ministério da Economia absorveu o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Conforme a lei n. 13.844, de 18 de junho de 2019. O site está em período de migração.

Witmarsum	0	0	0	0	15.972
Total	306.614.465	343.696.285	310.948.245	292.448.571	332.422.483

Fonte: Ministério da Economia (2020a).

Para o ano de 2010 os maiores exportadores foram os municípios Rio do Sul, Presidente Getúlio, Trombudo Central, Ituporanga e Agrolândia. A sua soma resulta em um valor de US\$ 271.084.561, o que representa 88,41% do total exportado pela região.

Para o ano de 2011 os municípios que mais exportaram foram Rio do Sul, Presidente Getúlio, Ituporanga, Trombudo Central e Agrolândia. A soma dos seus valores resulta em um total de US\$ 307.269.119, o que representa 89,40% das exportações regionais.

Para o ano de 2012 e 2013 os maiores exportadores foram os municípios Rio do Sul, Presidente Getúlio, Ituporanga, Trombudo Central e Salete. Em 2012 a sua soma resulta em um valor de US\$ 287.798.053, o que representa 92,55% e em 2013 é de US\$ 265.373.705 representando 90,74% do total exportado pela região.

Para o ano de 2014 os municípios que mais exportaram foram Rio do Sul, Presidente Getúlio, Ituporanga, Salete e Trombudo Central. A soma dos seus valores resulta em um total de US\$ 300.391.881, o que representa 90,36% das exportações regionais.

Tabela 06 – valores das exportações municipais 2015-2019 (FOB US\$)

Município AVI/Ano	2015	2016	2017	2018	2019
Agrolândia	1.979.619	1.397.998	1.475.631	3.531.530	5.878.399
Agronômica	1.344.627	1.400.456	809.479	267.436	319.468
Atalanta	0	3.401.128	0	51.637	0
Aurora	0	43.255	87.835	44.950	0
Braço do Trombudo	2.015.640	1.326.661	1.490.953	915.654	814.153
Chapadão do Lageado	0	0	0	0	0
Dona Emma	2.778.427	2.842.228	3.918.225	5.826.508	1.894.550
Ibirama	7.999.025	9.076.490	9.677.505	10.671.783	10.682.358
Imbuia	0	0	0	0	13.950
Ituporanga	24.669.446	8.071.069	389.079	293.034	587.540
José Boiteux	786.062	1.414.728	3.221.057	3.354.905	2.834.120
Laurentino	132.395	630	630	107.790	100.598
Lontras	637.753	1.750.886	5.009.661	5.702.323	2.549.931
Mirim Doce	192.711	115.729	320.136	890.046	669.895
Petrolândia	0	0	0	0	0
Pouso Redondo	6.265.595	5.011.873	8.213.353	8.132.838	10.456.609
Presidente Getúlio	64.812.251	70.833.949	95.056.560	81.083.813	119.088.959
Presidente Nereu	0	0	0	0	0
Rio do Campo	48.480	31.000	113.750	156.149	351.351
Rio do Oeste	0	0	0	0	0
Rio do Sul	112.565.823	97.670.889	106.539.178	82.085.170	93.971.468

Salete	19.919.708	19.839.518	23.274.736	30.490.263	34.319.323
Santa Terezinha	0	0	114.955	0	0
Taió	1.056.892	1.385.017	895.299	697.509	1.592.355
Trombudo Central	13.705.317	11.192.793	8.940.005	11.881.332	10.630.544
Vidal Ramos	0	0	0	0	0
Vitor Meireles	0	38.832	82.496	254.375	29.575
Witmarsum	1.006.849	1.962.129	2.710.295	3.266.096	2.190.706
Total	261.916.620	238.807.258	272.340.818	249.705.141	298.975.852

Fonte: Ministério da Economia (2020a).

Para o ano de 2015 os maiores exportadores foram Rio do Sul, Presidente Getúlio, Ituporanga, Salete e Trombudo Central. A sua soma resulta em um valor de US\$ 235.672.545, representando 89,98% do total.

Para o ano de 2016 os municípios que mais exportaram foram Rio do Sul, Presidente Getúlio, Salete, Trombudo Central e Ibirama. A soma dos seus valores resulta em um total de US\$ 208.613.639, o que representa 87,36% das exportações regionais.

Para o ano de 2017 os maiores exportadores foram os municípios Rio do Sul, Presidente Getúlio, Salete, Ibirama e Trombudo Central. A sua soma resulta em um valor de US\$ 243.487.984, o que representa 89,41% do total exportado pela região.

Para o ano de 2018 os maiores exportadores foram Rio do Sul, Presidente Getúlio, Salete, Trombudo Central e Ibirama. A sua soma resulta em um valor de US\$ 216.212.361, representando 86,59% do total. Os resultados para o ano de 2019 são apresentados no item seguinte.

O ano de 2011 foi o que apresentou melhor resultado com um total exportado pela região de US\$ 343.696.285. A elevação das exportações é de aproximadamente 432,73% comparando os anos de 2000 e 2019.

Os municípios de Rio do Sul e Presidente Getúlio sempre estiveram entre os cinco maiores exportadores da região. Enquanto os municípios de Chapadão do Lageado e Petrolândia não apresentaram valores para exportações no período analisado.

Rio do Oeste apresentou valores até 2005 e Vidal Ramos até 2003. Presidente Nereu apresentou valores somente em 2008 e Santa Terezinha somente em 2017. Imbuia apresentou valores somente para 2019, este que se trata da exportação de cebola. Atalanta e Aurora mesmo com movimentação em anos anteriores ficaram com valores zerados para 2019.

O município de Agrolândia teve grande crescimento ao comparar os anos de 2000 e 2019, saindo de US\$ 16.819 para US\$ 5.878.399, pertencendo ao grupo dos cinco maiores exportadores da região nos anos de 2010 e 2011.

Agronômica teve um ótimo resultado para o município em 2013, quando alcançou o valor de US\$ 2.905.594, mas até 2019 os valores foram somente decaindo, alcançando nesse ano o total de US\$ 319.468. Atalanta só obteve valores em 2016 e 2018 e Aurora de 2016 à 2018. Braço do Trombudo apresentou em 2011 seu melhor resultado, que decaiu desde então. Dona Emma teve valores zerados para os anos de 2006 a 2008, 2010 e 2011.

Ibirama esteve enquadrada como um dos cinco maiores exportadores regionais nos anos de 2000, 2001 e de 2016 a 2019. Neste último foi responsável por 3,57% do total exportado. Já Ituporanga esteve entre os anos de 2009 a 2015 neste ranking, representando em 2013 (ano em que teve os maiores valores) 11,27% do total exportado na região.

José Boiteux, mesmo possuindo anos em que não exportou, também apresentou um considerável crescimento, em 2000 teve US\$ 13.176 para US\$ 2.834.120 em 2019. Laurentino alcançou o maior volume exportado em 2015, com US\$132.395, Lontras em 2018 com US\$ 5.702.323, Mirim Doce em 2006 com US\$ 895.535.

Pouso Redondo esteve entre os cinco maiores nos anos de 2000 a 2008, representado em 2006 (seu melhor ano) o equivalente a 12,65% das exportações da região. Presidente Getúlio sempre esteve presente entre os cinco, representando em 2019, ano que superou Rio do Sul, 39,83% do total de exportações, depois de passar 16 anos consecutivos em “segundo lugar”.

Rio do Campo alcançou em 2004 o total de US\$ 3.608.978, mas em 2019 participou somente com 0,12% do total de exportação pela região, com US\$ 351.351. Rio do Sul esteve como maior exportador por 17 anos (não consecutivos) da região, tendo alcançado em 2005 um US\$ 165.613.642 o que representou 56,45% das exportações naquele ano e 31,43% em 2019.

Salete não esteve entre os cinco maiores somente nos anos de 2010 e 2011, seu maior valor foi registrado em 2019 com US\$ 34.319.323, o que representou 11,48% do total exportado da região no ano. Taió registrou em 2004 seu maior valor, com US\$ 4.735.745. Já Trombudo Central, desde 2003, ocupa alguma posição entre os cinco maiores e em 2019 representou 3,56% das exportações regionais contra 0,01% de Vitor Meireles que começou a apresentar valores somente em 2016. Witmarsum apresentou valores de 2006 a 2009 e de 2014 a 2019.

Os municípios de Chapadão do Lageado e Petrolândia, que não apresentaram valores exportados, assim como os que tiveram pouca participação não necessariamente deixaram de ter produtos remetidos ao exterior. A base de dados leva em consideração a sede da empresa exportadora e não do produtor. Um exemplo para isso podem ser os produtores rurais de fumo, que vendem sua produção para indústrias fumageiras sediadas em outros municípios da região.

4.1.1 A pauta exportadora no ano de 2019

Em 2019 os cinco municípios que mais exportaram foram Presidente Getúlio, Rio do Sul, Saleté, Ibirama e Trombudo Central. Estes municípios somam US\$ 268.692.652, o que equivale a 89,87% do total exportado pela região neste ano, conforme demonstrado no gráfico 01.

Gráfico 01 – Valores exportados pelos municípios

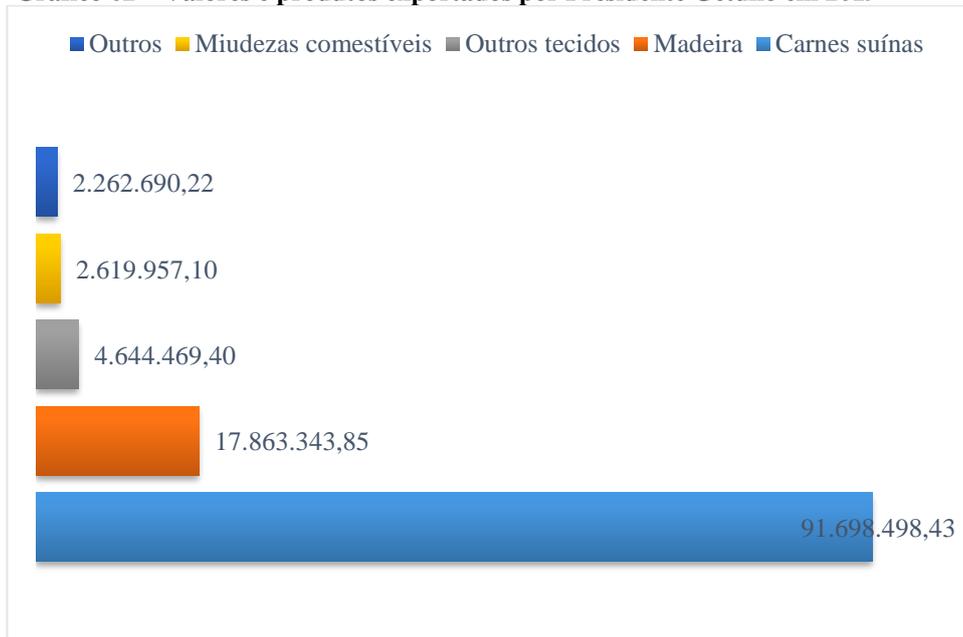


Fonte: elaborado pela autora, com base no Ministério da Economia (2020b).

Presidente Getúlio ocupou o 14º lugar no ranking de exportações estaduais o que equivale 1,2% de participação. As exportações foram destinadas para os seguintes países: China 61%; Estados Unidos 6,6%; Emirados Árabes Unidos 5,7%; Chile 4,8%; Hong Kong 2,5%; México 1,8%; Coréia do Sul 1,7%; Argentina 1,6%; Paraguai 1,2%; Colômbia 1,1%; Bolívia 1,1%; Cingapura 1% e os demais países somam 9,9%.

Do total de produtos exportados⁵: 77% eram de carnes de animais de espécie suína, frescas, refrigeradas ou congeladas; 15% referem-se a madeira contraplacada ou compensada, madeira folheada, e madeiras estratificadas semelhantes; 3,9% eram de outros tecidos de malha; 2,2% de miudezas comestíveis de animais das espécies bovina, suína, ovina, caprina, cavalari, asinina e muar, frescas, refrigeradas ou congeladas, os demais não ultrapassam 1% cada. Os produtos e respectivos valores estão demonstrados no gráfico 02.

⁵ A descrição dos produtos obedece as seções da NCM (Nomenclatura Comum do Mercosul).

Gráfico 02 – Valores e produtos exportados por Presidente Getúlio em 2019

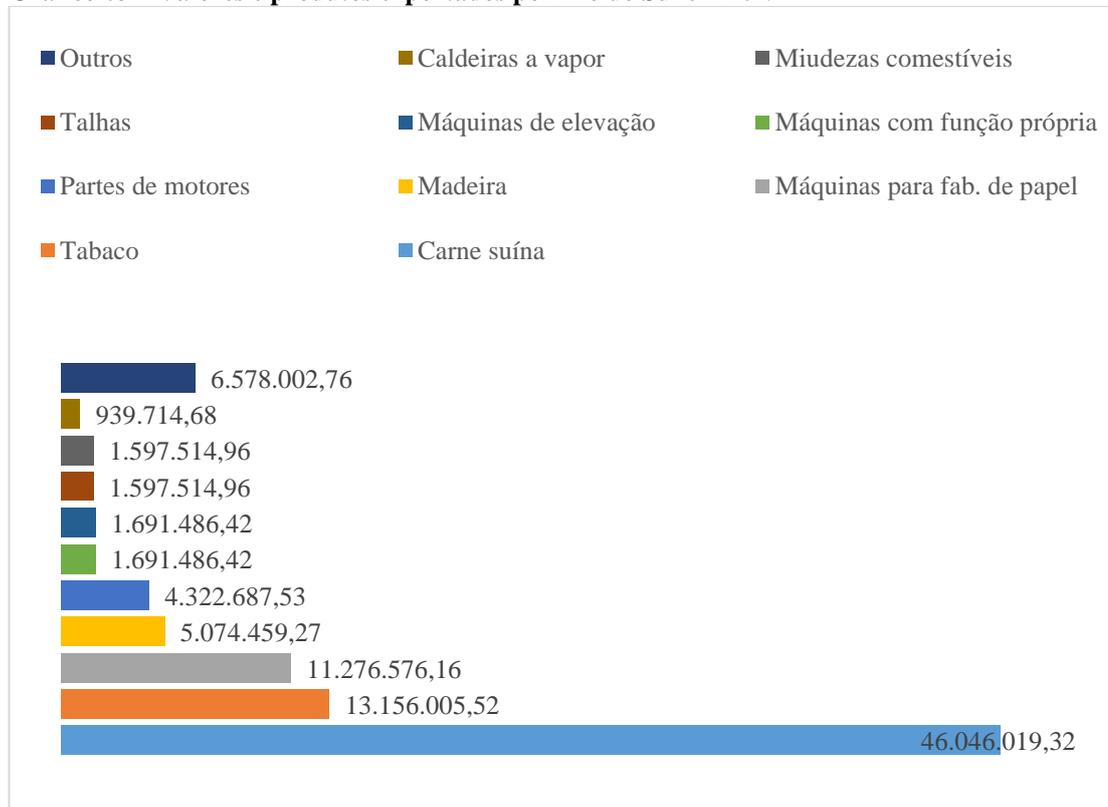
Fonte: elaborado pela autora, com base no Ministério da Economia (2020b).

Rio do Sul ocupou em 2019 o 19º lugar no ranking de exportações estaduais o que equivale a 0,9% de participação. As exportações foram destinadas para os seguintes países: China 30%; Argentina 15%; Bélgica 10%; Estados Unidos 8,4%; Emirados Árabes Unidos 6,5%; Polônia 4,4%; Cingapura 2,9%; Hong Kong 2,0% e os demais países somam 20,8%.

Do total de produtos exportados: 49% eram de carnes de animais de espécie suína, frescas, refrigeradas ou congeladas; 14% referem-se tabaco não manufaturado, desperdício de tabaco; 12% a máquinas e aparelhos para fabricação de pasta de matérias fibrosas celulósicas ou para fabricação ou acabamento de papel ou cartão; 5,4% a madeira serrada ou fendida longitudinalmente, cortada transversalmente ou desenrolada, mesmo aplainada, lixada ou unida pelas extremidades, de espessura superior a 6 mm; 4,6% a partes reconhecíveis como exclusiva ou principalmente destinadas aos motores das posições 84.07 ou 84.08; 1,8% a máquinas e aparelhos mecânicos com função própria, não especificados nem compreendidos noutras posições deste capítulo; 1,8% a outras máquinas e aparelhos de elevação, de carga, de descarga ou de movimentação (por exemplo, elevadores, escadas rolantes, transportadores, teleféricos); 1,7% a talhas, cadernais e moitões; guinchos e cabrestantes; macacos; 1,7% a miudezas comestíveis de animais das espécies bovina, suína, ovina, caprina, cavalari, asinina e muar, frescas, refrigeradas ou congeladas; 1% a Caldeiras de vapor (geradores de vapor), excluindo as caldeiras para aquecimento central concebidas para produção de água quente e vapor de

baixa pressão; caldeiras denominadas de água superaquecida; os demais produtos não ultrapassam 1% cada. Os produtos e respectivos valores estão demonstrados no gráfico 03.

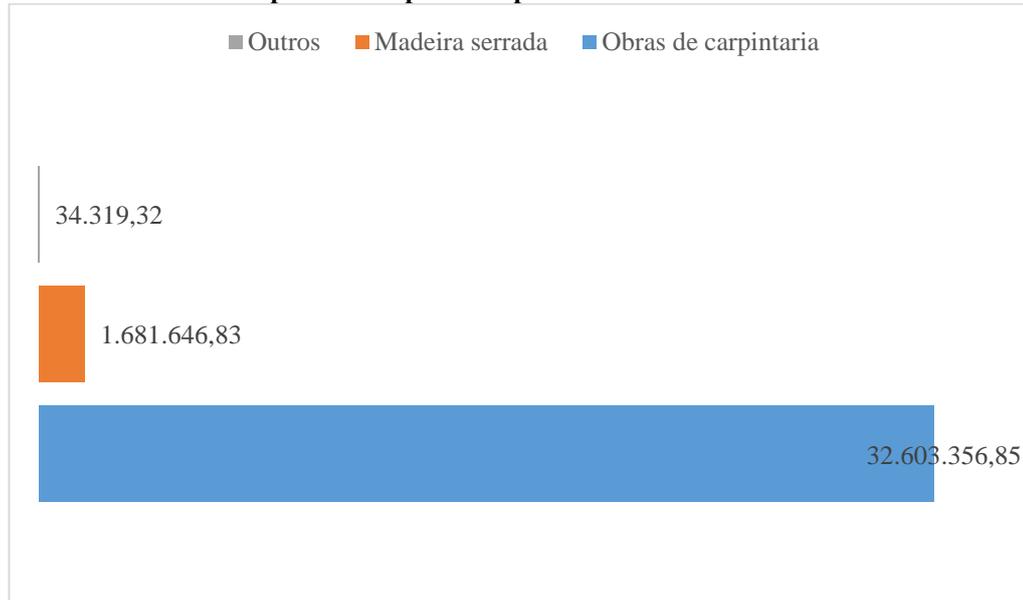
Gráfico 03 – Valores e produtos exportados por Rio do Sul em 2019



Fonte: elaborado pela autora, com base no Ministério da Economia (2020b).

Salete ocupou em 2019 o 40º lugar no ranking de exportações estaduais o que equivale a 0,3% de participação. As exportações foram destinadas para os seguintes países: Estados Unidos 77%; Reino Unido 15%; Canadá 2,9%; Arábia Saudita 1,5%; México 1,1%; China 0,89% e os demais países somam 1,61%.

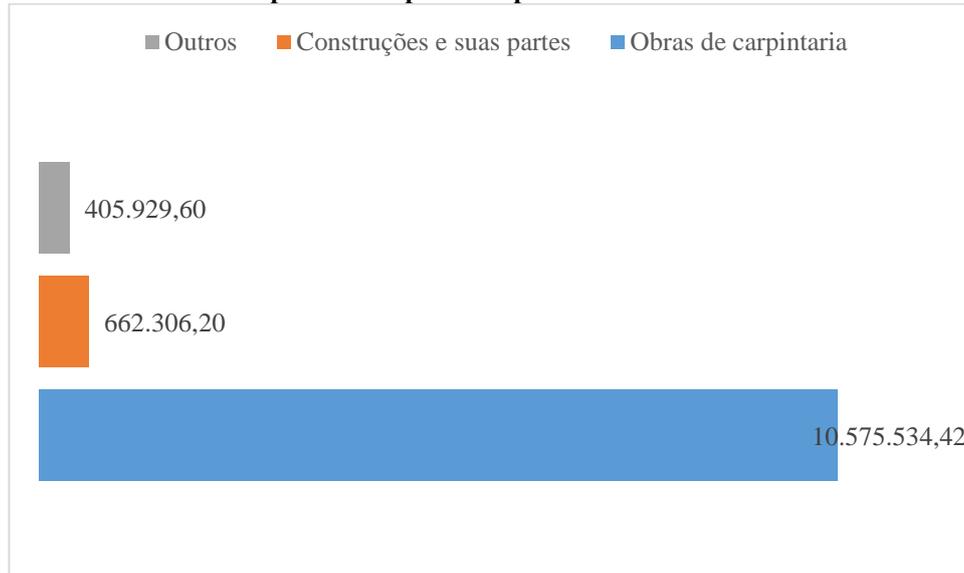
Do total de produtos exportados: 95% eram obras de carpintaria para construções, incluindo os painéis celulares, os painéis montados para revestimento de pisos (pavimentos) e as fasquias para telhados (shingles e shakes), de madeira; 4,9% referem-se a madeira serrada ou fendida longitudinalmente, cortada transversalmente ou desenrolada, mesmo aplainada, lixada ou unida pelas extremidades, de espessura superior a 6 mm; os demais unidos somam 0,1%. Os produtos e respectivos valores estão demonstrados no gráfico 04.

Gráfico 04 – Valores e produtos exportados por Salete em 2019

Fonte: elaborado pela autora, com base no Ministério da Economia (2020b).

Ibirama ocupou em 2019 o 66º lugar no ranking de exportações estaduais o que equivale a 0,1% de participação. As exportações foram destinadas para os seguintes países: Canadá 28%; Panamá 11%; Estados Unidos 11%; Trinidad e Tobago 6,7%; Jamaica 5,6%, Haiti 3,6%; Barbados 3,6%; Argélia 2,9%; Curaçao 2,9%; Porto Rico 2,9%; Guiana 2,5%; Costa Rica 2,4%; Aruba 2,1%; Peru 1,8%; Gâmbia 1,6%; Suriname 1,5%; Argentina 1,3%; Reino Unido 1,3% os demais países somam 7,3%.

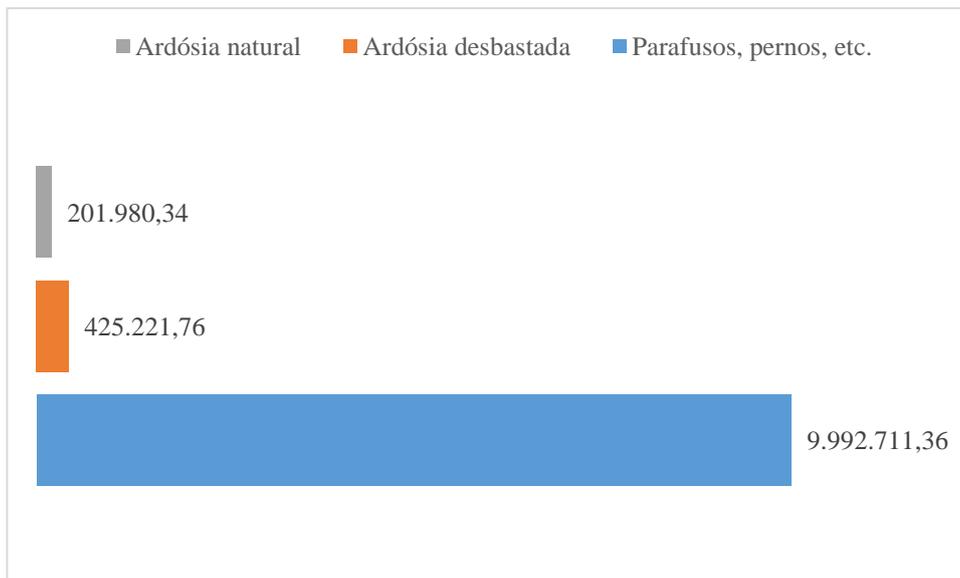
Do total de produtos exportados: 99% eram de obras de carpintaria para construções, incluídos os painéis celulares, os painéis para soalhos e as fasquias de telhados (shingles e shakes), de madeira; 0,62% referem-se a construções e suas partes (por exemplo: pontes e elementos de pontes, comportas, torres, pórticos, pilares, colunas, armações, estruturas para telhados, portas e janelas e seus caixilhos, alisares e soleiras, portas de correr, balaustradas) de ferro fundido; os demais somam 0,38%. Os produtos e respectivos valores estão demonstrados no gráfico 05.

Gráfico 05 – Valores e produtos exportados por Ibirama em 2019

Fonte: elaborado pela autora, com base no Ministério da Economia (2020b).

Trombudo Central ocupou em 2019 o 67º lugar no ranking de exportações estaduais o que equivale 0,1% de participação. As exportações foram destinadas para os seguintes países: Argentina 73%; Paraguai 17%; Uruguai 4,7%; Estados Unidos 1,7%; Portugal 1,6% e os demais países somam 2%.

Do total de produtos exportados: 94% eram parafusos, pernos ou pinos, roscados, porcas, tira-fundos, ganchos roscados, rebites, chavetas, cavilhas, contrapinos ou troços, anilhas ou arruelas (incluídas as de pressão) e artefatos semelhantes, de ferro fundido, ferro ou aço; 4% referem-se a ardósia, mesmo desbastada ou simplesmente cortada a serra ou por outro meio, em blocos ou placas de forma quadrada ou retangular e 1,9% a ardósia natural trabalhada e obras de ardósia natural ou aglomerada. Os produtos e respectivos valores estão demonstrados no gráfico 06.

Gráfico 06 – Valores e produtos exportados por Trombudo Central em 2019

Fonte: elaborado pela autora, com base no Ministério da Economia (2020b).

Ao sintetizar as informações dos cinco maiores exportadores, é perceptível que: a China aparece como maior parceiro comercial dos dois maiores municípios exportadores, sendo seguido pelos Estados Unidos, demonstrando que a região segue a mesma lógica nacional e o produto mais exportado é a carne sucedido pelas obras de carpintaria.

4.2 ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDH)

O IDH é um índice criado pelas Nações Unidas a fim de “comparar o grau de desenvolvimento humano dos países. É uma média de três índices: índice de expectativa de vida ao nascer, índice de educação (ponderação entre a taxa de alfabetização de adultos e taxa de escolaridade) e índice da RNB per capita” (VASCONCELLOS E GARCIA, 2014, p. 306).

Na tabela 07 é apresentado o IDH para cada município da região nos anos de 2000 e 2010.

Tabela 07 – Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

Município	2000	2010
Agrolândia	0,593	0,725
Agronômica	0,602	0,741
Atalanta	0,599	0,733
Aurora	0,601	0,733
Braço do Trombudo	0,625	0,780
Chapadão do Lageado	0,490	0,704
Dona Emma	0,639	0,742

Ibirama	0,655	0,737
Imbuia	0,551	0,713
Ituporanga	0,633	0,748
José Boiteux	0,564	0,694
Laurentino	0,659	0,749
Lontras	0,614	0,704
Mirim Doce	0,612	0,708
Petrolândia	0,586	0,716
Pouso Redondo	0,589	0,720
Presidente Getúlio	0,672	0,759
Presidente Nereu	0,550	0,737
Rio do Campo	0,581	0,729
Rio do Oeste	0,637	0,754
Rio do Sul	0,698	0,802
Salete	0,643	0,744
Santa Terezinha	0,534	0,669
Taió	0,640	0,761
Trombudo Central	0,657	0,775
Vidal Ramos	0,570	0,700
Vitor Meireles	0,539	0,673
Witmarsum	0,614	0,710

Fonte: IBGE apud Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil (2020).

Para 2000, o município que apresenta maior IDH é Rio do Sul, com 0,698, seguido por Presidente Getúlio, Laurentino, Trombudo Central, Ibirama e Salete. Para 2010, Rio do Sul ainda lidera com um IDH de 0,727, seguido por Braço do Trombudo, Trombudo Central, Taió, Presidente Getúlio e Rio do Oeste.

O menor IDH, para 2000 é encontrado em Chapadão do Lageado, com 0,490, seguido por Santa Terezinha, Vitor Meireles, Presidente Nereu, Imbuia e José Boiteux. Para 2010, Santa Terezinha possui o menor IDH, com 0,669, seguido por Vitor Meireles, José Boiteux, Vidal Ramos, Chapadão do Lageado e Lontras.

É interessante analisar que o município de Chapadão do Lageado, mesmo estando presente entre os cinco menores IDH de ambos os anos, teve a maior evolução, com 0,214 pontos, seguido por Presidente Nereu com 0,187.

4.3 ÍNDICE DE GINI

O IPEA (2004), caracteriza o Índice de Gini como sendo um instrumento criado pelo matemático italiano Conrado Gini, que é utilizado para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo. Varia de zero a um, onde o valor zero representa a situação de igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda. O valor um representa a situação de total desigualdade, onde só uma pessoa detém toda a riqueza.

Na tabela 08, é apresentado o Índice de Gini para cada município da região nos anos de 2000 e 2010.

Tabela 08 – Índice de Gini

Município	2000	2010
Agrolândia	0,46	0,36
Agronômica	0,47	0,47
Atalanta	0,50	0,44
Aurora	0,48	0,40
Braço do Trombudo	0,43	0,36
Chapadão do Lageado	0,44	0,43
Dona Emma	0,62	0,46
Ibirama	0,47	0,37
Imbuia	0,43	0,47
Ituporanga	0,47	0,43
José Boiteux	0,57	0,44
Laurentino	0,52	0,36
Lontras	0,44	0,37
Mirim Doce	0,71	0,39
Petrolândia	0,53	0,47
Pouso Redondo	0,52	0,43
Presidente Getúlio	0,45	0,41
Presidente Nereu	0,40	0,50
Rio do Campo	0,51	0,50
Rio do Oeste	0,44	0,47
Rio do Sul	0,51	0,45
Salete	0,53	0,43
Santa Terezinha	0,64	0,48
Taió	0,53	0,43

Trombudo Central	0,49	0,44
Vidal Ramos	0,47	0,41
Vitor Meireles	0,56	0,52
Witmarsum	0,58	0,43

Fonte: IBGE apud Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil (2020).

Os municípios com maior desigualdade em 2000 são Mirim Doce, com 0,71, seguido por Santa Terezinha, Dona Emma, Witmarsum, José Boiteux e Vitor Meireles. Já para 2010, são Vitor Meireles, com 0,52, Presidente Nereu, Rio do Campo, Santa Terezinha, Rio do Oeste e Petrolândia.

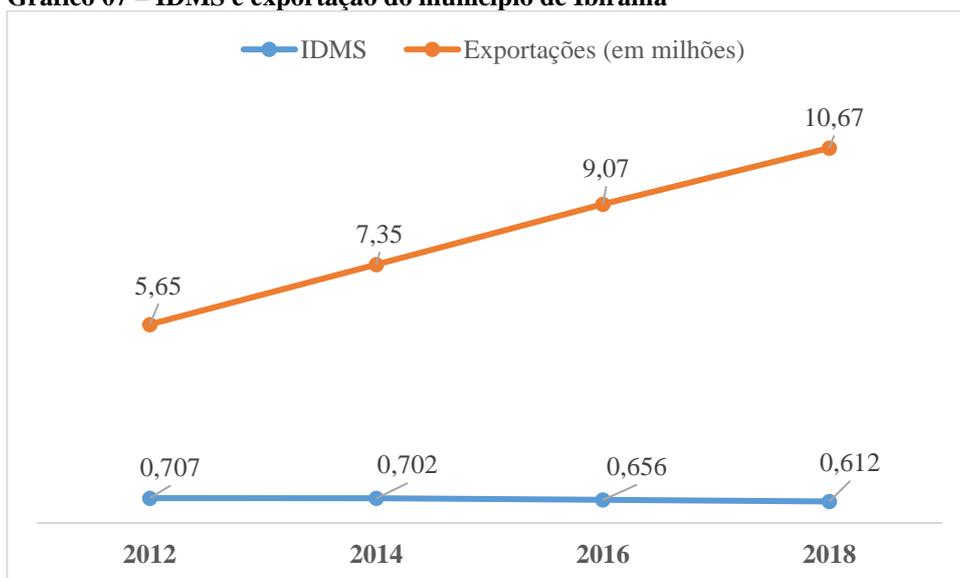
Os municípios, para o ano de 2000, com menor desigualdade são Presidente Nereu, com 0,40, Braço do Trombudo, Imbuia, Chapadão do Lageado, Rio do Oeste e Lontras. Em 2010, são Braço do Trombudo, com 0,36, Laurentino, Agrolândia, Lontras, Ibirama e Mirim Doce.

4.4 ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS MUNICÍPIOS CATARINENSES

Devido à falta de dados mais recentes para o Índice de Gini e IDH e com o intuito de complementar a pesquisa, buscou-se apresentar o Índice de Desenvolvimento Sustentável dos Municípios Catarinenses, elaborado pela FECAM. O IDMS

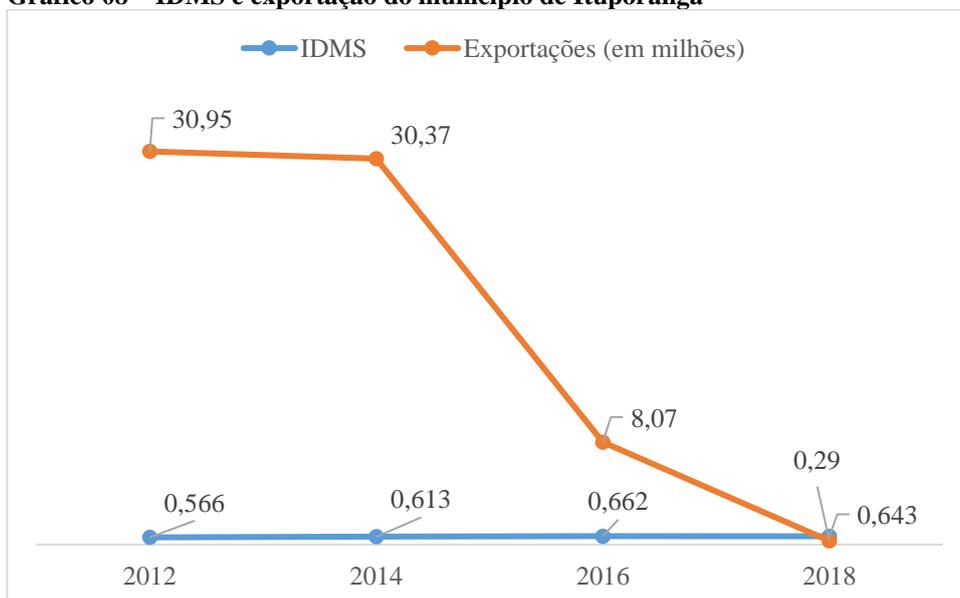
é construído a partir de uma série de indicadores fundamentais para diagnosticar o grau de desenvolvimento de um território. Esse índice, ao avaliar o desenvolvimento, configura-se como uma ferramenta de apoio à gestão capaz de evidenciar as prioridades municipais e regionais e situar as municipalidades em relação a um cenário futuro desejável. A sustentabilidade é entendida como desenvolvimento equilibrado das dimensões Social, Cultural, Ambiental, Econômica e Política-institucional. (SIDEMS, 2020).

Os anos disponíveis para o IDMS catarinense são 2012, 2014, 2016 e 2018 e em decorrência de já ter sido observado que para esses anos os municípios que mais exportaram foram Ibirama, Ituporanga, Presidente Getúlio, Rio do Sul, Saleté e Trombudo Central, a análise desse indicador focou na comparação entre o IDMS e o total exportado dos mesmos, como é demonstrado pelos gráficos 07, 08, 09, 10, 11 e 12.

Gráfico 07 – IDMS e exportação do município de Ibirama

Fonte: elaborado pela autora, com base no Ministério da Economia (2020a) e Sidems (2020).

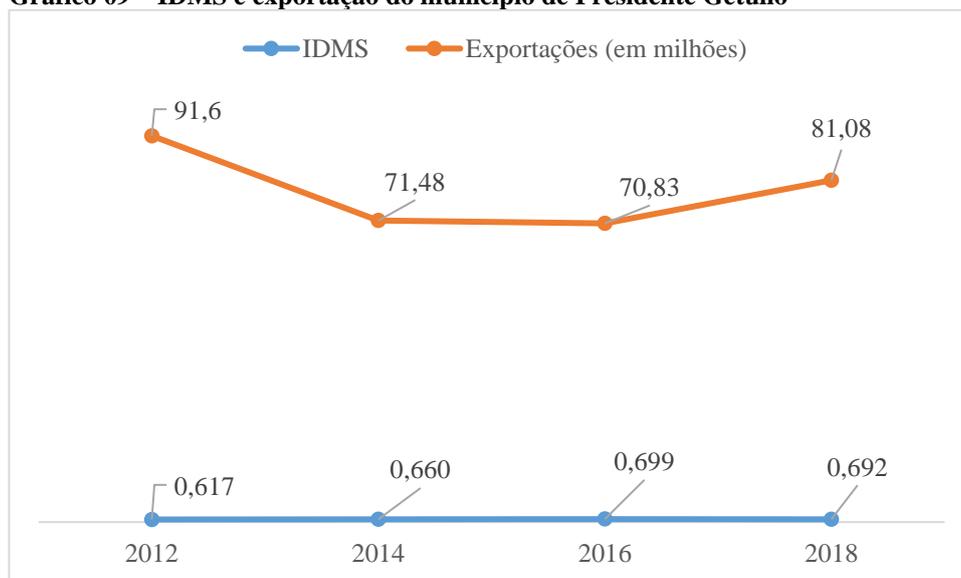
As exportações do município de Ibirama elevaram-se ao longo dos anos, enquanto o seu IDMS diminuiu 0,095 pontos.

Gráfico 08 – IDMS e exportação do município de Ituporanga

Fonte: elaborado pela autora, com base no Ministério da Economia (2020a) e Sidems (2020).

As exportações do município de Ituporanga decaíram muito de 2012 a 2018, entretanto seu IDMS teve uma elevação de 0,077 pontos.

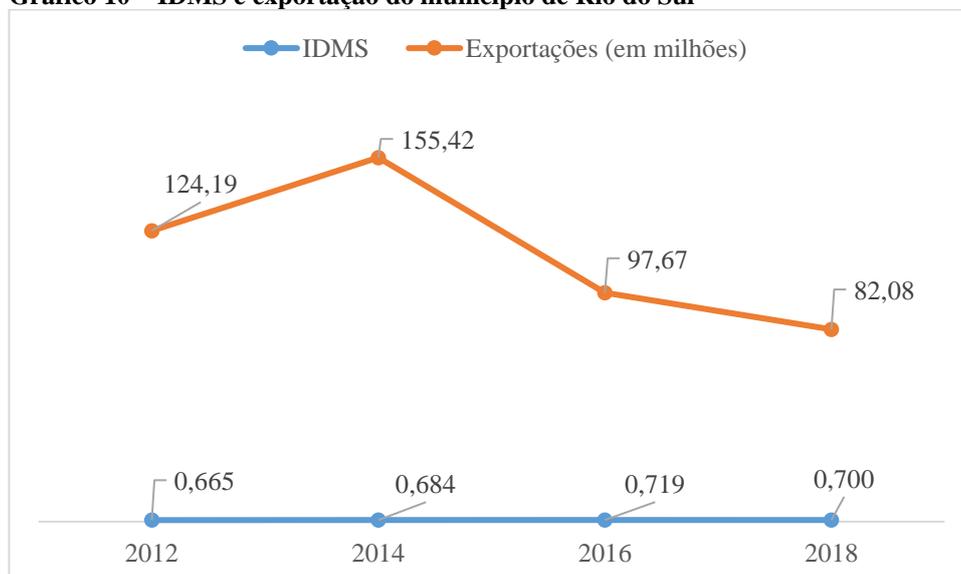
Gráfico 09 – IDMS e exportação do município de Presidente Getúlio



Fonte: elaborado pela autora, com base no Ministério da Economia (2020a) e Sidems (2020).

As exportações do município de Presidente Getúlio decaíram de 2012 a 2016, elevando-se novamente em 2018. Seu IDMS cresceu no mesmo período, 0,075 pontos.

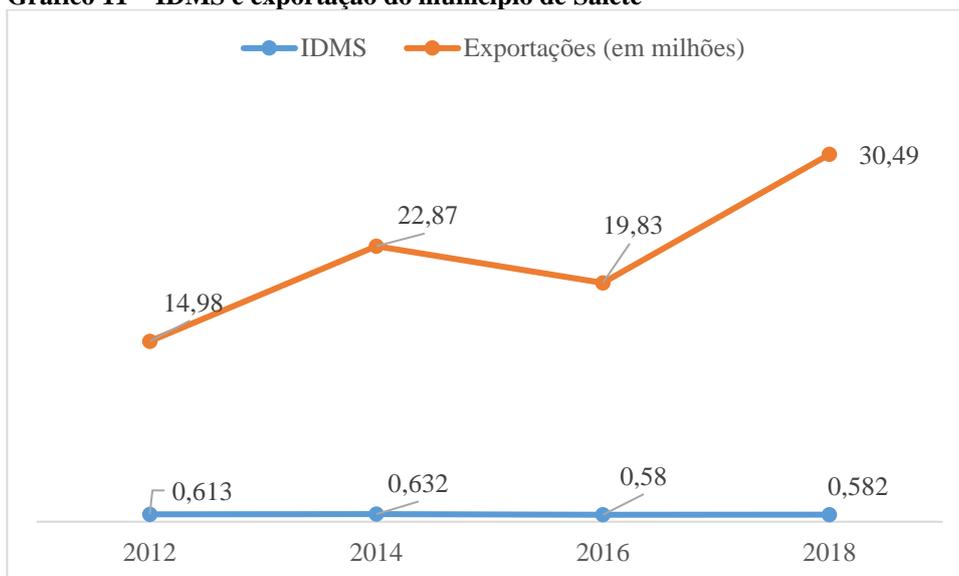
Gráfico 10 – IDMS e exportação do município de Rio do Sul



Fonte: elaborado pela autora, com base no Ministério da Economia (2020a) e Sidems (2020).

As exportações de Rio do Sul apesar de elevação em 2014, vem decaindo desde então. Entretanto, ao comparar os anos de 2012 e 2018, o crescimento do IDMS foi de 0,035 pontos.

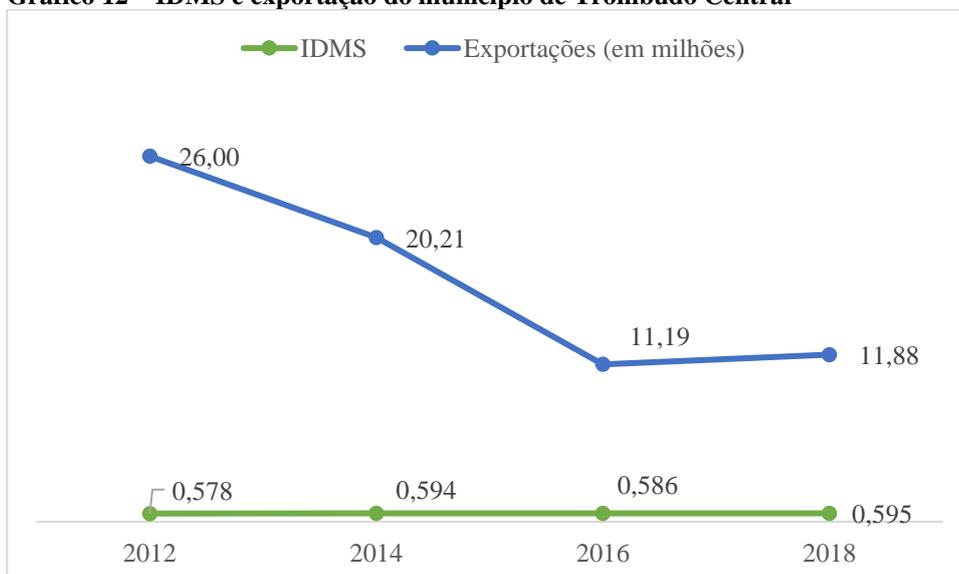
Gráfico 11 – IDMS e exportação do município de Salete



Fonte: elaborado pela autora, com base no Ministério da Economia (2020a) e Sidems (2020).

Seguindo a linha contrária do município anterior, o município de Salete dobrou suas exportações de 2012 a 2018, mas verificou uma queda de 0,031 no seu IDMS.

Gráfico 12 – IDMS e exportação do município de Trombudo Central



Fonte: elaborado pela autora, com base no Ministério da Economia (2020a) e Sidems (2020).

Apesar de averiguar uma queda de mais de 100% no volume exportado, Trombudo Central teve um aumento de 0,017 pontos no seu IDMS.

O IDMS, fornecido pela FECAM, utiliza mais variáveis para verificar o desenvolvimento municipal, pois ao contrário do IDH que analisa somente a expectativa de vida ao nascer, nível educacional e RBN per capita, ele emprega as dimensões cultural, social, ambiental e política, o que torna a análise municipal mais realista.

Pode-se perceber que o ranking dos maiores exportadores pouco alterou-se ao longo dos vinte anos analisados, permanecendo sempre os municípios de Rio do Sul e Presidente Getúlio nos primeiros lugares, estes que também aparecem como os portadores do melhores IDH e IDMS analisados. Quanto ao Índice de Gini, verificou-se que os municípios com maior ou menor desigualdade, não configuravam entre os maiores exportadores regionais, entretanto, por exemplo, Santa Terezinha, Vitor Meireles e José Boiteux, que possuíam maior desigualdade também possuíam os menores IDH.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste trabalho de conclusão de curso foi identificar a contribuição das exportações para o desenvolvimento da região do Alto Vale do Itajaí no período entre 2000 e 2019. Para isso foram necessários a busca de conceitos que nortearam a pesquisa de dados.

Quanto ao primeiro objetivo do trabalho, Theis (2001), informa que o desenvolvimento regional proporciona um crescimento sustentável através da promoção de mecanismos econômicos, sociais e institucionais. Os itens seguintes a este demonstraram como o comércio exterior evoluiu e foi alvo de muitas teorias econômicas, sendo que a que mais relaciona o desenvolvimento regional com as exportações é a Teoria da Base Exportadora de Douglas North (1977).

A teoria explica como algumas regiões do Estados Unidos não tiveram um crescimento lento e gradual, mas saltaram diretamente para as atividades terciárias influenciadas pelas exportações. North relacionou esse crescimento com outros indicadores econômicos, como renda absoluta, per capita e tipo de força de trabalho para então justificar a importância de uma exportadora para o desenvolvimento regional.

Souza (2009) complementa a teoria de North demonstrando que uma região pequena não produz tudo o que consome, necessitando também realizar importações. Ademais, seguindo a lógica do crescimento econômico, uma região que continua se industrializando, precisa exportar o excedente, pois a maior parte dos produtos apresenta uma demanda interna inelástica. Pode-se relacionar essa afirmação com o produto mais exportado pela região, a carne. É praticamente impossível, que a população do Alto Vale do Itajaí consumisse o total exportado pelos municípios de Rio do Sul e Presidente Getúlio. Se a demanda interna fosse a única responsável por consumir esse alimento não teríamos uma grande indústria de carne na região, que além de gerar empregos na sede, tem efeito multiplicador para a agricultura regional.

Quanto ao segundo objetivo, o item 4.3 trouxe ano a ano o valor exportados por todos os municípios que compõem o Alto Vale, com destaque principal aos municípios de Rio do Sul

e Presidente Getúlio que sempre estiveram entre os cinco maiores exportadores da região. Cabe aqui mencionar uma situação encontrada: os valores exportados por municípios neste trabalho foram retirados inteiramente do site Comex Stat, mas ao comparar os valores obtidos no do Governo Federal com o site de Indicadores da Fecam percebeu-se que em alguns municípios encontra-se diferenças nos valores. Devido ao período de pesquisa do Comex Stat ser maior, optou-se pelos resultados obtidos neste.

Quanto ao terceiro objetivo podemos dizer que a economia regional seguiu as mesmas lógicas da economia do médio vale, inicialmente, agricultura de subsistência e extração de madeira e após, uma indústria nascente ligada diretamente a essas atividades. Essa afirmação pode ser confirmada ao analisarmos a pauta exportadora dos cinco maiores municípios do Alto Vale em 2019: Presidente Getúlio e Rio do Sul tiveram 77% e 49% provenientes de carne suína, respectivamente, totalizando mais de US\$ 137 milhões exportados. Seguidamente vem a indústria ligada a obras de carpintaria, como é o caso de Salete com 95% e Ibirama com 99%, totalizando mais de US\$ 43,1 milhões. Somente o município de Trombudo Central que não tem a maior parte de sua atividade exportadora voltada a essas atividades precedentes, pois 94% das suas exportações são de metais comuns e suas obras.

Apesar de não ser um objetivo deste trabalho, é relevante comentar e relacionar as exportações com o percentual de população urbana nos cinco municípios analisados: todos tem a maior parte da sua população (mais de 60%) localizada em áreas urbanas, indicando assim que a força de trabalho localiza-se nos setores secundários e terciários.

Referente ao quarto objetivo e respectivamente aos indicadores de desenvolvimento apresentados: já foi exposto que o município de Rio do Sul apresenta o maior IDH no período analisado e ele, em todos os anos esteve elencado como um dos maiores exportadores regionais.

O IDH do ano 2000 trouxe que os melhores índices pertenciam (não considerando Rio do Sul) a Presidente Getúlio, Laurentino, Trombudo Central, Ibirama e Salete. Ao analisar as exportações desse ano constatamos que os municípios de Presidente Getúlio, Ibirama e Salete já se encontravam no grupo dos cinco maiores exportadores. Entretanto, Trombudo Central já estaria ocupando a sexta posição, mas Laurentino encontrava-se entre os municípios que apresentavam os menores valores exportados. Para o mesmo ano, os menores índices são encontrados em Chapadão do Lageado, Santa Terezinha, Vitor Meireles, Presidente Nereu, Imbuia e José Boiteux. Destes municípios somente José Boiteux exportou no ano.

Para o IDH do ano de 2010, os melhores índices (não considerando Rio do Sul) são encontrados em Braço do Trombudo, Trombudo Central, Taió, Presidente Getúlio e Rio do Oeste. Os municípios de Trombudo Central e Presidente Getúlio já configuravam como os

maiores exportadores. Braço do Trombudo e Taió também apresentam bons valores exportados, mas Rio do Oeste não exportou em 2010. Quanto aos menores índices alcançados neste ano, temos Santa Terezinha, Vitor Meireles, José Boiteux, Vidal Ramos, Chapadão do Lageado e Lontras. Destes municípios somente José Boiteux e Lontras exportaram no ano.

Quando tratamos do Índice de Gini os municípios que tem a maior desigualdade em 2000 são Mirim Doce, Santa Terezinha, Dona Emma, Witmarsum, José Boiteux e Vitor Meireles. Os municípios de Santa Terezinha, Vitor Meireles e José Boiteux já possuíam os menores índices de desenvolvimento humano e somente com José Boiteux exportando. Witmarsum também não exportou no ano, Dona Emma e Mirim Doce sim.

Em 2010 serão os municípios de Vitor Meireles, Presidente Nereu, Rio do Campo, Santa Terezinha, Rio do Oeste e Petrôlandia que tem maior desigualdade. Repetindo a situação de 2000, Santa Terezinha e Vitor Meireles também já possuíam os menores IDH e não exportaram. Assim como Presidente Nereu e Petrolândia também não tiveram produtos remetidos ao exterior, enquanto Rio do Oeste e Rio do Campo, sim.

Os municípios, para o ano de 2000, com menor desigualdade são Presidente Nereu, Braço do Trombudo, Imbuia, Chapadão do Lageado, Rio do Oeste e Lontras. Em 2010, são Braço do Trombudo, Laurentino, Agrolândia, Lontras, Ibirama e Mirim Doce. Presidente Nereu só apresentou exportações em 2008 e Imbuia somente em 2019. Chapadão do Lageado nunca exportou. Braço do Trombudo sempre exportou, assim como Lontras e Ibirama. Rio do Oeste só exportou até 2005 e Laurentino em anos alternados. Agrolândia só não exportou em 2001 e Mirim Doce só em 2004.

O IDMS apresentado neste trabalho buscou suprir a falta de dados mais atualizados para o IDH e Índice de Gini. Utilizou-se dos dados levantados nos itens anteriores para focar nos maiores exportadores regionais, a fim de verificar se o comportamento deste índice seria elevar-se ao longo do período, conforme o nível exportado. Essa situação não ocorreu com os municípios de Salete e Ibirama, enquanto Ituporanga, Presidente Getúlio, Rio do Sul e Trombudo Central, apesar de terem queda nas exportações em alguns anos conseguiram, comparando os índices de 2012 e 2018, elevá-los. É relevante mencionar que o IDMS analisa mais dimensões que o IDH e Índice de Gini, trazendo a vista que, para pensar no desenvolvimento futuro teremos que conciliar as variáveis econômicas e sociais com as ambientais, culturais e políticas.

Com a elaboração deste trabalho muitas dúvidas surgiram que podem (e devem) suscitar em outras pesquisas. Rio do Sul é a capital do Alto Vale, podemos perceber isso por ele alocar os principais órgãos públicos e eventos regionais, mas se como exposto pelos autores utilizados

no referencial desse trabalho, grande parte dos municípios seguiram a mesma lógica colonizadora e econômica, porque justamente Rio do Sul, possui a base produtiva mais diversificada? Por que Chapadão do Lageado e Petrolândia não exportaram nada no período analisado? Por que mesmo possuindo indústria tão grandes, temos tão pouca relevância estadual nas exportações?

Ficou claro com este trabalho que as exportações não são o fator único para o desenvolvimento regional, mas colaboram grandemente para a evolução deste. Fatores externos não são e não devem ser responsáveis isoladamente por levar uma região ao ápice econômico e social, mas podem contribuir de modo que os alcancemos mais rápido.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ALTO VALE DO ITAJAÍ. **Localização e distâncias**. Rio do Sul, 2020. Disponível em: <<https://www.amavi.org.br/municipios-associados/localizacao>> Acesso em 01 nov. 2020.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Consulta em tabela**. 2020. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/consulta/planilha>> Acesso em 01 nov. 2020.
- BRASIL. Lei n. 13.844, de 18 de junho de 2019. Estabelece a organização básica dos órgãos da Presidência da República e dos Ministérios. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 de junho de 2019. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-n-13844-de-18-de-junho-de-2019-164135236>> Acesso em: 05 abr. 2020.
- CARVALHO, Maria Auxiliadora de; SILVA, César Roberto Leite da. **Economia internacional**. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2007.
- CASSAR, Maurício. Uma análise das teorias clássicas de comércio exterior. **Comércio exterior: teoria e gestão**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- DIAS, Reinaldo. As primeira teorias de comércio exterior: o mercantilismo. **Comércio exterior: teoria e gestão**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- FEDERAÇÃO CATARINENSE DE MUNICÍPIOS. **Página inicial**. Florianópolis, 2020. Disponível em: <<https://www.fecam.org.br/>> Acesso em 01 nov. 2020.
- FÜCHTER, Márcia. **O programa Acolhida na Colônia como uma alternativa de promoção do desenvolvimento territorial sustentável: a experiência da regional de Rio do Sul, SC**. 2014. 122 f, il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2014. Disponível em: <http://www.bc.furb.br/docs/DS/2014/356597_1_1.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2020.
- IPEA. **O que é: índice de Gini**. Brasília, 2004. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2048:catid=28> Acesso em 10 nov. 2020.
- IPEA. **O que é: FOB**. Brasília, 2006. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2115:catid=28&Itemid=23> Acesso em 10 nov. 2020.
- KEEDI, Samir. **ABC do comércio exterior: abrindo as primeiras páginas**. 5. ed. São Paulo: Aduaneiras, 2015.

MENEZES, Elaine Cristina de Oliveira. **Industrialização e meio ambiente no estado de Santa Catarina**: estudo de caso sobre a evolução e os impactos socioambientais do segmento têxtil-vestuarista na microrregião do Alto Vale do Itajaí. 2009. 337 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciência Humana; Pós-graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93309>> Acesso em 01 nov. 2020,

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Comex Stat**: exportação e importação por município. Brasília, 2020a. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>> Acesso em 10 nov. 2020.

_____. **Comex Vis municípios**. Brasília, 2020b. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>> Acesso em 10 nov. 2020.

_____. **Manual de utilização dos dados estatísticos do comércio exterior brasileiro**. Brasília, 2020c. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/balanca/manual/Manual.pdf>> Acesso em 01 nov. 2020.

NORTH, D. Teoria da localização e crescimento econômico regional. In: J. SCHWARTZMANN (org.) **Economia Regional e urbana: textos escolhidos**. Belo Horizonte: UFMG, p. 291-313, 1977. Disponível em: <<http://www.ifibe.edu.br/arq/20150824222519320995672.pdf>> Acesso em 13 set. 2020.

RATTI, Bruno. **Comércio internacional e câmbio**. 11. ed. São Paulo: Aduaneiras, 2008.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável (SDE). **PIB – Produto Interno Bruto de Santa Catarina**. Florianópolis, 2020. Disponível em: <<https://www.sde.sc.gov.br/index.php/2-pib/2427/>> Acesso em: 01 nov. 2020.

_____. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável (SDE). **Tipologia do PIB dos municípios de Santa Catarina – 2017**. Florianópolis, 2019. Disponível em: <<https://www.sde.sc.gov.br/index.php/biblioteca/pib-1/1236-tipologia-do-pib-dos-municipios-de-santa-catarina-2017/file>> Acesso em 01 nov. 2020.

SANTOS, Elinaldo Leal et al. Desenvolvimento: um conceito em construção. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 2, n. 1, p. 44-61, 31 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/215>> Acesso em 01 nov. 2020.

SIDEMS. **Índice de Desenvolvimento Sustentável dos Municípios Catarinenses**. Florianópolis, 2020. Disponível em: <<https://indicadores.fecam.org.br/indice/estadual/ano/2020>> Acesso em 26 nov. 2020.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento regional**. São Paulo: Atlas, 2009.

THEIS, Ivo Marcos. Globalização e planejamento do desenvolvimento regional: o caso do Vale do Itajaí. In: SIEBERT, C (Org.). **Desenvolvimento regional em Santa Catarina**. Blumenau: Edifurb, p. 213-244, 2001.

TRICHES, Gilmar Paulinho. **A suinocultura e o desenvolvimento regional**: o caso do Alto Vale do Itajaí-SC. 2003. 108 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2003. Disponível em: <http://www.bc.furb.br/docs/TE/2003/290981_1_1.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2020.

VASCONCELLOS, Marco Antonio S.; GARCIA, Manuel E. **Fundamentos de economia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

VIEIRA, Aquiles. **Teoria e prática cambial**: exportação e importação. 2. ed. São Paulo: Aduaneiras, 2005.